

Cartas aos EVANGELISTAS



C. H. Mackintosh

Cartas aos Evangelistas

C. H. Mackintosh

Título original: Papers on Evangelization — C. H. Mackintosh

Tradução: Mario Persona - 1996

“Não podemos ficar ociosos. O tempo se abrevia! A eternidade se aproxima a passos largos! O Mestre é por demais digno de nosso empenho! As almas são por demais preciosas! A estação propícia ao trabalho logo terminará! Estejamos, portanto, em nome do Senhor, despertos e ativos.”

C. H. Mackintosh nos motiva à ação, em dependência e oração, na seara de Deus, já branca para a colheita nestes

momentos finais da Sua graça. O autor descreve a esfera de ação do evangelista, o modelo que deve seguir, seu tema principal, e a diretriz que move cada sincero e devotado ganhador de almas.

Quão solene é pensarmos em uma alma imortal à beira do abismo do inferno e correndo o perigo de, a qualquer momento, ser lançada ali. Possamos almejar, e aprender a cultivar, o espírito de um verdadeiro evangelista com um ardente amor pelas almas — uma constante sede pela salvação delas — uma incansável luta com suas consciências — um claro e sincero diálogo face a face com os homens acerca de sua vida passada, sua

condição presente e seu destino futuro.

Este livro sobre Evangelismo aborda a obra do evangelho e traz ainda sete cartas tratando de assuntos relacionados a este trabalho tão bendito e tão importante.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — A OBRA DO EVANGELHO

Uma palavra ao evangelista

Um lema para o evangelista

A obra de um evangelista

O que busca com sinceridade

O enganador

O pecador endurecido

SEGUNDA PARTE — CARTAS AOS EVANGELISTAS

PRIMEIRA CARTA — À Procura de
Almas

SEGUNDA CARTA — O Espírito
Santo

TERCEIRA CARTA — A Palavra de
Deus

QUARTA CARTA — A Oração

QUINTA CARTA — Obra de
Literatura

SEXTA CARTA — A Pregação do
Evangelho

SÉTIMA CARTA — A Escola
Dominical

PRIMEIRA PARTE — A OBRA DO EVANGELHO

UMA PALAVRA AO EVANGELISTA

CREMOS que não será considerado inoportuno se nos aventurarmos a oferecer uma palavra de conselho e encorajamento a todos aqueles que estão engajados na bendita obra de pregar *o evangelho da graça de Deus*. Estamos, até certo ponto, conscientes das dificuldades e dos desencorajamentos que costumam frequentar a senda de todo evangelista, seja em sua esfera de trabalho ou na medida de seu dom; e é nosso desejo animar os corações e manter erguidas as mãos de todos os que

possam estar em perigo de cair sob o poder desanimador dessas coisas. Sentimos cada vez mais a imensa importância de um testemunho sincero e fervoroso do evangelho em todo lugar; e tememos ao extremo qualquer deserção neste campo. Somos imperativamente chamados a fazer “*a obra dum evangelista*” (2 Tm 4:5), e a não abandonarmos essa obra sob quaisquer pretextos ou desculpas que possam surgir.

Ao escrevermos assim, é bom que ninguém pense que estamos querendo diminuir, mesmo que um pouco, o valor do ensino, da pregação para crentes e da exortação. Nada poderia estar mais longe de nossos pensamentos. “*Deveis,*

porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas.” (Mt 23:23) Não temos a intenção de comparar a obra do evangelista com a do mestre ou doutor, ou exaltarmos aquela à custa desta. Cada uma tem seu próprio lugar, seu próprio interesse e sua importância peculiar.

Mas, por outro lado, será que não há o perigo do evangelista abandonar sua própria obra, tão preciosa, a fim de se entregar à obra do ensino e da pregação para crentes? Será que não existe o perigo do evangelista acabar mesclando-se em mestre ou doutor? Tememos que exista tal perigo; e é sob a influência deste temor que escrevemos estas poucas linhas. É com profunda preocupação que observamos que

alguns, que outrora eram reconhecidos entre nós como evangelistas fervorosos e eminentemente bem-sucedidos, agora quase que abandonaram completamente sua obra, tornando-se mestres e pregadores para crentes.

Isto é extremamente deplorável. *Nós verdadeiramente desejamos evangelistas.* Um verdadeiro evangelista é quase uma raridade tão grande quanto um verdadeiro pastor. Oh! como ambos são raros! E ambos estão intimamente ligados. O evangelista reúne as ovelhas; o pastor as alimenta e cuida delas. A obra de cada um encontra-se bem próxima do coração de Cristo — o Divino Evangelista e Pastor; mas é com o primeiro que queremos

tratar agora — para encorajá-lo em seu trabalho, e adverti-lo da tentação de se desviar dele. Não podemos admitir a perda de sequer um embaixador logo agora, e não queremos ver nem mesmo um só pregador em silêncio.

Estamos perfeitamente cômnicos do fato de que há, em certos círculos, uma forte tendência de se jogar água fria sobre a obra de evangelização. Existe uma lamentável falta de simpatia para com o pregador do evangelho, e, como consequência, acaba faltando também uma cooperação ativa para com ele em sua obra. Além do mais, há um modo de se falar da pregação do evangelho que não está muito em sintonia com o coração daquele que chorou sobre

pecadores impenitentes, e que pôde dizer, bem no início de Seu bendito ministério, “*o Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres*”. (Lc 4:18; Is 61:1) E também, “*Vamos às aldeias vizinhas, para que Eu ali também pregue; porque para isso vim*”. (Mc 1:38)

Nosso bendito Senhor foi um infatigável pregador do evangelho, e todos os que estão imbuídos de Sua vontade e de Seu espírito tomarão um vívido interesse na obra de todos aqueles que estejam buscando, cada um em sua fraca medida, fazer o mesmo que Ele fez. Esse interesse ficará evidenciado, não só pela sincera oração por bênção divina sobre

a obra, mas também por esforços diligentes e constantes para que almas imortais sejam expostas ao som do evangelho.

É esta a maneira de se ajudar o evangelista, e isto compete a cada membro da Igreja de Deus — seja homem, mulher ou criança. Dessa forma todos podem ajudar no desenvolvimento da gloriosa obra de evangelização. Se cada membro da assembleia trabalhasse diligentemente e em oração neste sentido, quão diferentes as coisas seriam para os queridos servos do Senhor que estão procurando tornar conhecidas as inescrutáveis riquezas de Cristo.

Mas, oh! com que frequência dá-se o

oposto. Com que frequência escutamos, até mesmo partindo daqueles que têm alguma reputação de possuírem inteligência e espiritualidade, ao se referirem às reuniões de pregação do evangelho, frases como:

— Ah!, não vou; vai ser *só* o evangelho.

Pense nisto! “*Só o evangelho*”. Se colocassem a mesma ideia em outras palavras, estariam dizendo: É *só* o coração de Deus — *só* o precioso sangue de Cristo — *só* o glorioso registro do Espírito Santo!

É assim quando colocamos as coisas claramente. Não há nada mais triste do que ouvir cristãos professos falando dessa maneira. Isto prova, com toda a

clareza, que suas almas estão bem longe do coração de Jesus. Temos visto, invariavelmente, que aqueles que pensam e falam levemente da obra do evangelista são pessoas de muito pouca espiritualidade.

Por outro lado, os mais devotos, os mais sinceros, os mais bem esclarecidos santos de Deus, procuram ter sempre um profundo interesse nesta obra. E como poderia ser diferente? Acaso a voz das Sagradas Escrituras não dá o mais claro testemunho acerca do interesse que a Trindade tem na obra do evangelho? Certamente que sim. Quem foi que pregou o evangelho pela primeira vez? Quem foi o primeiro arauto da salvação? Quem anunciou pela primeira

vez as boas novas da ferida Semente da mulher? O próprio Senhor Deus, no jardim do Éden. Trata-se de um fato convincente que está ligado ao nosso tema. E, indo mais longe, deixe-nos perguntar quem foi o mais fervoroso, o mais trabalhador e fiel Pregador que já pisou nesta terra? O Filho de Deus. E Quem tem estado a pregar o evangelho nos últimos dezoito séculos?* O Espírito Santo enviado do céu.

[Nota do Tradutor: O autor viveu no século dezenove.]

Temos, assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, todos verdadeiramente engajados na obra de evangelização; e se assim é, quem somos nós para ousarmos falar levianamente de tal

obra? Oh, que todo nosso ser moral seja revolvido pelo Espírito de Deus para sermos capazes de acrescentar nosso fervoroso e profundo Amém a estas preciosas palavras inspiradas: *“Quão formosos os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam coisas boas!”* (Rm 10:15; Is 52:7).

Todavia, pode ser que estas linhas estejam sendo perscrutadas por alguém que, tendo estado engajado na obra da pregação do evangelho, comece a sentir-se um pouco desencorajado. Pode ser que tenha sido chamado a pregar no mesmo lugar durante anos e se sinta oprimido pelo pensamento de ter que se dirigir à mesma audiência, sobre o mesmo assunto, semana após semana,

mês após mês, ano após ano. Talvez se sinta como se estivesse deixando de experimentar algo de novo, algo mais vivo, diferente. Talvez tenha o desejo de atuar numa nova esfera, onde os assuntos que lhe são familiares sejam novidade para as outras pessoas. Ou, se não puder fazê-lo, pode ser que se sinta guiado a substituir palestras e explicações de passagens pela pregação fervorosa, direta e sincera do evangelho.

Se, em qualquer medida, conseguirmos despertar os sentimentos do leitor para este assunto, cremos que lhe será de grande ajuda em seu trabalho ter em mente que o principal grande tema do verdadeiro evangelista é Cristo. O poder para desenvolver este tema é o

Espírito Santo. Aquele a quem este tema deve ser apresentado é o pobre pecador perdido. Ora, Cristo é sempre novo; o poder do Espírito Santo é sempre atual; a condição e o destino da alma são sempre de intenso interesse.

Além do mais, seria bom que o evangelista tivesse em mente, em cada nova situação em que se levantasse para pregar, que seus ouvintes inconversos são totalmente ignorantes do evangelho e, portanto, ele deveria pregar como se fosse a primeira vez que eles estivessem escutando a mensagem, e a primeira vez que ele a estivesse pregando. Pois deve ser lembrado que a pregação do evangelho, na divina acepção da palavra, não é uma mera e árida

afirmação da doutrina evangélica — uma certa fórmula de palavras repetidas vez após outra em uma enfadonha rotina. Longe disso! O evangelho é realmente o imenso e amoroso coração de Deus transbordando e fluindo em direção ao pobre pecador perdido, em torrentes de vida e salvação. É a apresentação da morte expiatória e da gloriosa ressurreição do Filho de Deus; e tudo na sempre nova, efusiva e fresca energia do Espírito Santo, proveniente da inexaurível mina das Sagradas Escrituras.

Deve ainda ser lembrado que o objetivo principal, no qual deve estar absorvido o pregador, é o de ganhar almas para Cristo, para a glória de Deus. Para isso

ele labuta e pleiteia; para isso ele ora, chora e agoniza; para isso ele tropeça sua voz, clama e se atraca ao coração e à consciência de seu ouvinte. Seu alvo não é ensinar doutrinas, ainda que doutrinas possam ser ensinadas; seu objetivo não é explicar as Escrituras, embora as Escrituras possam ser explicadas. Estas coisas estão no âmbito do mestre ou do que prega para crentes; mas, e que isto nunca seja esquecido, o objetivo do pregador é colocar o Salvador e o pecador juntos — ganhar almas para Cristo. Que Deus possa, por Seu Espírito, conservar estas coisas diante de nossos corações, a fim de termos um interesse mais profundo na gloriosa obra de evangelização!

Concluindo, gostaríamos apenas de acrescentar uma palavra de exortação a respeito da noite de domingo, o dia do Senhor. Com todo afeto, gostaríamos de dizer aos nossos amados e honrados obreiros: Procurem dedicar aquela hora à grande obra da salvação da alma. Há 168 horas na semana e, certamente, não é muito que devotemos uma delas para esta importante obra. Pode ser que justamente nessa hora venhamos a alcançar o ouvido do pecador que está próximo. Oh, usemo-la para espalhar a doce história do gratuito amor de Deus e da plena e completa salvação de Cristo.

UM LEMA PARA O EVANGELISTA

2 Coríntios 10:16

“ANUNCIAR O EVANGELHO nos lugares que estão além de vós.” (2 Co 10:16) Enquanto demonstram a amplitude de coração do devotado apóstolo que tanto se negou a si mesmo, estas mesmas palavras também proporcionam um excelente modelo para o evangelista em qualquer época. O evangelho é um viajante, e o pregador do evangelho deve ser igualmente um viajante. O evangelista divinamente qualificado e divinamente enviado irá fixar seus olhos em “*todo o mundo*”. Ele incluirá toda a família humana em seu benevolente desígnio. De uma casa a outra; de uma rua a outra; de uma cidade a outra; de uma província a outra; de um reino ao outro; de um continente ao

outro; de um polo ao outro. Tal é a esfera de alcance das “*boas novas*” e, conseqüentemente, daquele que as anuncia. Os “*lugares que estão além*” — este deve ser sempre o grande lema do evangelho. Quando a lâmpada do evangelho nem bem tiver acabado de derramar seus raios de luz sobre uma região, aquele que a carrega já deve estar pensando nos “*lugares que estão além*”. Assim a obra segue em frente; assim a poderosa mensagem de graça vai passando, em seu poder esclarecedor e salvador, sobre um mundo entenebrecido que jaz “*na região e sombra da morte*”. (Mt 4:16)

Levai, oh ventos, a história,

E vós, oh águas, carregai,

Como imenso mar de glória,

De um polo ao outro a espalhai.

Leitor cristão: Será que você tem pensado nos “*lugares que estão além*” de você? Esta expressão poderá, em seu caso, significar a próxima casa, a próxima rua, a próxima vila, a próxima cidade, o próximo país ou o próximo continente. Deixo para o seu coração ponderar como deve aplicá-la; mas, diga-me, você tem pensado nos “*lugares que estão além*” de você? Não quero que, de modo algum, você abandone seu posto atual; ou pelo menos até que esteja certo de seu trabalho nesse posto estar terminado. Mas,

lembre-se que o arado do evangelho nunca deve permanecer parado. “*Ide*” é o lema de cada verdadeiro evangelista.

Que os pastores permaneçam junto às ovelhas; mas que os evangelistas se transportem cada vez mais longe, para buscar as ovelhas. Que soem a trombeta do evangelho, por todo canto, sobre as tenebrosas montanhas deste mundo, a fim de congregar os eleitos de Deus. É este o plano do evangelho. E este deveria ser o objetivo do evangelista, enquanto coloca seus olhos nos “*lugares que estão além*”. Quando César, da costa da Gália, vislumbrou os brancos rochedos da Bretanha, ansiou ao extremo fazer suas tropas chegarem lá. Por seu lado, o evangelista, cujo

coração bate em uníssono com o coração de Jesus, ao lançar seu olhar sobre o mapa-múndi, anseia levar o evangelho da paz às regiões que até então estiveram engolfadas na negridão da noite; cobertas com o escuro manto da superstição, ou assoladas pelo vento seco de uma *“aparência de piedade, mas negando a eficácia dela”*. (2 Tm 3:5)

Creio que será, para muitos de nós, de grande proveito nos questionarmos acerca do quanto de nossas sagradas responsabilidades estamos dedicando aos *“lugares que estão além”* de nós. Creio que o cristão que não esteja cultivando e manifestando um espírito evangelístico encontra-se numa

condição verdadeiramente deplorável. Creio também que a assembleia que não esteja cultivando e manifestando um espírito evangelístico encontra-se em condição de morta. Uma das mais genuínas características de crescimento e prosperidade espiritual, seja em um indivíduo ou em uma assembleia, é o desejo sincero pela conversão das almas. Este anseio encherá nosso peito com as mais magnânimas emoções; sim, extravasar-se-á em copiosos mananciais de um exercício de benevolência, sempre a fluir em direção aos *“lugares que estão além”*.

É difícil crermos que a *“palavra de Cristo habite... abundantemente”* em qualquer um que não esteja fazendo

algum esforço para levar esta mesma palavra aos pecadores que o cercam. (Cl 3:16) Não importa qual seja o grau do esforço feito; pode ser apenas pingar algumas poucas palavras no ouvido de um amigo, dar um folheto, escrever um bilhete ou balbuciar uma oração. Mas uma coisa é certa: um cristão vigoroso e saudável será um cristão evangelista — um anunciador das boas novas — alguém cujas simpatias, desejos e energias estarão voltados para os *“lugares que estão além”*. *“Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho... porque para isso fui enviado.”* (Lc 4:43) Tal era a linguagem do verdadeiro Evangelista. É bem duvidoso que muitos dos servos

de Cristo não tenham errado quando se permitiram, por uma ou outra influência, ficar por demais localizados — por demais amarrados a um mesmo lugar. Acabaram caindo no trabalho de rotina — entraram num esquema de pregações fixas em um mesmo lugar e, em muitos casos, acabaram paralisando a si próprios e também a seus ouvintes. Não me refiro agora às atividades do pastor, do ancião ou daquele que ensina, as quais devem ser, obviamente, exercidas em meio àqueles que são o alvo apropriado de tais obras. Refiro-me mais particularmente ao evangelista. Alguém assim nunca deveria se permitir ficar sempre no mesmo lugar. O mundo é a sua esfera de ação — “*os lugares que*

estão além”, seu lema — congregar os eleitos de Deus, seu objetivo — a torrente do Espírito, seu caminho a seguir. Se o leitor for um desses que Deus chamou e capacitou para ser um evangelista, lembre-se destas quatro coisas: a esfera de ação, o lema, o objetivo e o caminho a seguir, o que todos deverão adotar se desejarem ser obreiros frutuosos no campo do evangelho.

Finalmente, seja o leitor um evangelista ou não, gostaria sinceramente de suplicar-lhe que examine o quanto tem buscado expandir o evangelho de Cristo.

Não podemos ficar ociosos. O tempo se abrevia! A eternidade se aproxima a

passos largos! O Mestre é por demais Digno de nosso empenho! As almas são por demais preciosas! A estação propícia ao trabalho logo terminará! Estejamos, portanto, em nome do Senhor, despertados e ativos. E, quando tivermos feito o que pudermos nos lugares ao nosso redor, levemos então a preciosa semente para “*OS LUGARES QUE ESTÃO ALÉM*”.

A OBRA DE UM EVANGELISTA

Atos 16:8-31

PRETENDEMOS OFERECER uma palavra ao evangelista, o que continuaremos a fazer agora com um capítulo sobre a obra do evangelista; e não poderíamos fazer melhor do que

selecionar, como base para nossas observações, uma página do registro missionário de um dos maiores evangelistas que já existiu. A passagem das Escrituras que aparece no início deste capítulo provê amostras de três classes distintas de ouvintes, e também os métodos usados pelo grande apóstolo dos gentios, guiado, com toda certeza, pelo Espírito Santo.

Temos, primeiramente, *aquele que busca com sinceridade*; depois, *o falso professo*; e finalmente, *o pecador endurecido*. Estas três classes de pessoas são encontradas em todo lugar, e em todas as épocas, pelo obreiro do Senhor; e por esta razão podemos ficar gratos por dispormos de um registro

inspirado da maneira correta de se tratar com cada uma delas. É extremamente desejável que aqueles que seguem levando o evangelho estejam aptos para tratar com as várias condições de alma que encontrarão no dia a dia; e não pode haver um modo mais eficaz de se obter tal aptidão do que estudar cuidadosamente os modelos que nos foram dados pelo Espírito Santo de Deus.

O QUE BUSCA COM SINCERIDADE

O LABORIOSO APÓSTOLO, ao longo de suas jornadas missionárias, chegou a Troas e lá, durante a noite, teve uma visão *“em que se apresentou um varão*

da Macedônia, e lhe rogou, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos. E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho. E, navegando de Troas, fomos correndo em caminho direito para a Samotrácia, e no dia seguinte para Nápoles; e dali para Filipos, que é a primeira cidade desta parte da Macedônia, e é uma colônia; e estivemos alguns dias nesta cidade. E no dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos ter lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de

púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. E, depois que foi batizada ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso.” (At 16:9-15).

Temos aqui uma cena tocante — algo digno de ser contemplado e ponderado. Trata-se de alguém que, tendo obtido, por graça, uma certa medida de luz, estava vivendo nela e buscando sinceramente mais. Lídia, a vendedora de púrpura, fazia parte da mesma interessante estirpe de fé do eunuco da Etiópia, e do centurião de Cesareia.

Todos os três aparecem na página inspirada como almas vivificadas, mas não emancipadas — não em descanso — não satisfeitas. O eunuco tinha ido da Etiópia a Jerusalém em busca de algo sobre o que pudesse descansar sua alma ansiosa. Havia deixado a cidade ainda insatisfeito, e estava devota e sinceramente apegado à preciosa página inspirada. O olho de Deus estava sobre ele, e enviou Seu servo Filipe com a mensagem necessária para suprir suas necessidades, responder às suas perguntas, e trazer descanso à sua alma. Deus sabe como colocar juntos os “*Filipes*” e os “*eunucos*”. Ele sabe como preparar o coração para a mensagem, e a mensagem para o

coração. O eunuco era um adorador de Deus; mas Filipe foi enviado para ensinar-lhe como enxergar Deus na face de Jesus Cristo. Era exatamente isto que ele queria. Foi como um dilúvio de radiante luz penetrando seu espírito sincero, trazendo repouso à sua consciência e ao seu coração, e fazendo-o seguir o seu caminho radiante de gozo. Ele havia seguido, com sinceridade, a luz que tinha brotado em sua alma, e Deus enviou-lhe mais.

E é sempre assim. *“Porque àquele que tem, se dará, e terá em abundância.”* (Mt 13:12) Nunca existiu uma alma que, com sinceridade, tenha andado na luz que possuía e não tenha recebido mais luz. Isto é algo extremamente consolador

e encorajador para todos os que buscam com sinceridade. Se o leitor pertence a esta classe, fique encorajado. Se for um daqueles em quem Deus começou uma obra, fique assegurado de que Aquele que começou a boa obra irá completá-la até ao dia de Jesus Cristo. Ele irá, com toda certeza, aperfeiçoar aquilo que concerne ao Seu povo.

Mas que ninguém cruze os braços; que ninguém recolha os remos e diga com frieza: *“Devo aguardar por mais luz no tempo de Deus. Não há nada que eu possa fazer — meus esforços de nada valem. Quando chegar a hora de Deus, aí sim; mas, enquanto isso vou ficando como estou”* Não eram estes os pensamentos ou os sentimentos do

eunuco etíope. Ele era um dos mais sinceros perscrutadores; e todos os que buscam com sinceridade são certamente os que, com alegria, encontrarão. E assim deve ser, pois *“Deus... é galardoador dos que O buscam”*. (Hb 11:6)

E assim foi com o centurião de Cesaréia. Ele era um homem da mesma estirpe de fé do eunuco. Viveu em conformidade com a luz que tinha. Jejuou, orou e deu esmolas. Não nos é dito que tenha escutado o sermão da montanha, mas é de se notar que tenha se exercitado nos quatro grandes ramos da justiça prática que nos são apresentados por nosso Senhor no sexto capítulo de Mateus.* Ele estava moldando sua

conduta e lapidando seu modo de ser em conformidade com o padrão que Deus tinha colocado diante dele. Sua justiça excedia a justiça dos escribas e fariseus e, portanto, ele entrou no reino. Ele era, pela graça de Deus, um homem genuíno, seguindo com sinceridade a luz à medida que ela era derramada em sua alma, e foi, desse modo, levado ao pleno fulgor do evangelho da graça de Deus. Deus enviou Pedro a Cornélio, assim como enviou Filipe ao eunuco. As orações e esmolas de Cornélio haviam subido como um memorial diante de Deus, e Pedro foi enviado com a mensagem da completa salvação através de um Salvador crucificado e ressuscitado.

*[*Nota do Autor: O leitor irá notar que em Mateus 6:1, o correto é: “Guardai-vos de fazer a vossa justiça diante dos homens, para serdes vistos por eles”. Em seguida vêm as três áreas dessa justiça, a saber, esmolas (vers. 2-4), oração (vers. 5-15) e jejum (vers. 16-18). São as mesmas coisas que Cornélio estava fazendo. Em suma, ele temia a Deus, e estava praticando justiça de acordo com a medida de luz que possuía.]*

No entanto, é bem possível que existam pessoas que, tendo sido embaladas no berço de uma cômoda profissão de fé evangélica, e educadas no petulante formalismo de uma religião autoindulgente do tipo “*é fácil ir para o céu*”, estejam prontas a condenar a piedosa conduta de Cornélio, e a dizer que aquilo era fruto de ignorância e

legalismo. Pessoas assim nunca conheceram o que significa privar-se de uma simples refeição, ou gastar uma hora em verdadeira e sincera oração, ou abrir a mão para dar, em autêntica caridade, para atender às necessidades do pobre. Tais pessoas ouviram e aprenderam, talvez, que a salvação não é para ser obtida por tais meios — que somos justificados pela fé sem obras — e que a salvação é para o que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio.

Tudo isso é totalmente verdade; mas que direito temos de supor que Cornélio estava orando, jejuando e dando esmolas a fim de ganhar a salvação? Nenhum — se é que estamos nos

deixando guiar pela narrativa inspirada, e não dispomos de nenhuma outra forma de conhecer esta personalidade tão excelente e interessante. Ele foi informado pelo anjo de que suas orações e esmolas haviam subido como um memorial diante de Deus. Acaso não é isto uma clara prova de que aquelas orações e esmolas não eram adornos de justiça-própria, mas frutos de uma justiça baseada no conhecimento que ele tinha de Deus? Com toda a certeza os frutos de justiça-própria e legalismo nunca teriam ascendido como um memorial diante do trono de Deus; tampouco poderia ter Pedro jamais testificado que Cornélio era alguém que temia a Deus e praticava justiça, se tudo

não passasse de um mero legalismo.

Ah, não, leitor; Cornélio era um homem íntegro em sua sinceridade. Ele viveu para aquilo que conhecia, e teria errado se tentasse ir mais além. Para ele a salvação de sua alma imortal, o serviço de Deus, e a eternidade, eram realidades grandiosas e interligadas. Ele não era, nem de longe, um desses vãos professores, cheios de discursos loquazes, insípidos e inúteis, mas que *nada* fazem. Cornélio pertencia a uma estirpe completamente distinta. Ele pertencia à classe de pessoas que *praticam*, e não que *falam*. Ele era um homem sobre o qual o olhar de Deus pousava com complacência, e em quem os propósitos celestes estavam profundamente interessados.

E assim era com nossa amiga de Tiatira, Lídia, a vendedora de púrpura. Ela pertencia à mesma escola — estava no mesmo nível do centurião e do eunuco. É verdadeiramente delicioso contemplarmos estas três almas preciosas — pensarmos em um na Etiópia; outro em Cesaréia e a terceira em Tiatira ou Filipos. É algo particularmente animador vermos o contraste daquelas almas, sempre francas e sinceras, com muitos que vivem nestes dias de pretensa luz e conhecimento, que receberam, como se costuma chamar, o “*plano da salvação*” em suas cabeças, as doutrinas da graça em suas línguas, mas o mundo em seus corações; cuja constante ocupação é

“EU”, “EU”, “EU” — este miserável objeto.

Mais adiante, vamos ter oportunidade de nos referir com mais amplitude a estes, mas, no momento, gostaríamos de pensar na sincera Lídia; e devemos confessar que este é um exercício dos mais gratificantes. Está bem claro que Lídia, assim como Cornélio e o eunuco, era uma alma vivificada; uma adoradora de Deus; alguém que se contentava em deixar de lado sua venda de púrpura, e ocupar-se com uma reunião de oração, ou estar em algum lugar onde pudesse ter algum proveito espiritual e onde coisas boas estivessem acontecendo. Há um ditado que diz que pássaros da mesma espécie voam juntos, e assim

Lídia logo descobriu onde algumas almas piedosas, alguns poucos espíritos semelhantes, tinham o costume de se reunir para esperar em Deus em oração.

Isso tudo é lindo. Faz bem ao coração ser colocado em contato com essa atmosfera de profundo fervor. Com toda certeza o Espírito Santo escreveu esta narrativa, como toda a Sagrada Escritura, para nosso aprendizado.

Trata-se de um caso exemplar, e fazemos bem em ponderarmos sobre ele. Lídia foi achada buscando proveito em toda e qualquer oportunidade, exibindo assim os verdadeiros frutos de vida divina, os genuínos instintos da nova natureza. Ela descobriu onde os santos se reuniam para orar, e juntou-se a eles.

Ela não cruzou seus braços e nem se acomodou para esperar, em repreensível indolência e preguiça, por algo indefinível e extraordinário que pudesse chegar até ela, ou algum tipo de transformação misteriosa que lhe pudesse ocorrer. Não; ela foi a uma reunião de oração — o lugar onde se expressa necessidade — o lugar onde se espera bênção: e foi ali que Deus a encontrou, como Ele certamente encontra todo aquele que frequenta tais lugares no espírito de Lídia. Deus nunca falha para com um coração desejoso. Ele disse: “*Os que confiam em Mim não serão confundidos*” (Is 49:23); e, como um brilhante e bendito raio de sol sobre a página inspirada, resplandece a

sentença tão cheia, tão plena e tão estimulante à alma: “*Deus... é galardoador dos que O buscam*”, (ou, como diz a versão inglesa, “*dos que diligentemente O buscam*” — N. do T.). (Hb 11:6) Ele enviou Filipe ao eunuco no deserto de Gaza. Ele enviou Pedro ao centurião, na cidade de Cesaréia. Ele enviou Paulo a uma vendedora de púrpura, nos subúrbios de Filipos; e Ele irá enviar uma mensagem ao leitor destas linhas, se este for verdadeiramente alguém que busca sinceramente a salvação dada por Deus.

É sempre um momento do mais profundo interesse quando uma alma preparada é colocada em contato com o pleno evangelho da graça de Deus. Pode ser

que tal alma tenha estado sob profunda e dolorosa experiência por muitos dias, procurando descanso mas não o encontrando. Por meio do Seu Espírito, o Senhor tem estado a trabalhar e a preparar o terreno para que receba a boa semente. Ele tem aprofundado os sulcos a fim de que a preciosa semente da Sua Palavra possa criar raízes permanentes e produzir fruto para Seu louvor. O Espírito Santo nunca Se precipita. Seu trabalho é profundo, firme e bem arraigado. As plantas que produz não são como a abóboreira de Jonas, crescendo e morrendo na mesma noite. Tudo o que Ele faz permanecerá, bendito seja o Seu nome. *“Tudo quanto Deus faz durará eternamente.”* (Ec

3:14) Quando Ele convence, converte e liberta uma alma, o selo de Sua própria e eterna mão está sobre a obra, em todas as suas etapas.

Voltando à nossa passagem, deve ter sido um momento ímpar quando uma pessoa numa condição de alma como a de Lídia foi colocada em contato com aquele evangelho tão glorioso que Paulo levava (Atos 16:14). Ela estava totalmente preparada para a mensagem pregada por Paulo; e certamente a mensagem deste era totalmente preparada para ela. Paulo levava consigo uma verdade que ela nunca havia escutado e nunca tinha pensado existir. Como já assinalamos, ela tinha vivido em conformidade com a luz que

possuía; era uma adoradora de Deus; mas somos obrigados a concordar que ela não tinha nem ideia da gloriosa verdade que estava alojada no coração daquele estranho que se sentou ao seu lado na reunião de oração. Ela havia se aproximado — como mulher sincera e devota que era — para orar e adorar, para obter algum refrigerio para seu espírito, após as fadigas da semana. Quão pouco ela imaginava que, naquela reunião, iria escutar o maior pregador que já viveu, com exceção do Senhor, e a mais elevada ordem de verdade que já chegou aos ouvidos dos mortais.

E assim ocorreu; e, oh, quão importante foi para Lídia ter ido àquela inesquecível reunião de oração! Quão

bom foi ela não ter agido como muitos em nossos dias, que após uma semana de trabalho árduo na loja, no depósito, na fábrica ou no campo, usam o domingo para ficar dormindo! Quantos há que você pode encontrar em seus postos, da manhã de segunda, até sábado à noite, trabalhando com toda a diligência em sua profissão, mas pelos quais o Senhor procurará em vão na reunião no dia do Senhor. Por que razão acontece assim? Talvez tais pessoas digam a você que estão tão cansadas no sábado à noite que não têm forças para se levantar no domingo e, por esta razão, passam aquele dia em indolência, preguiça e em indulgência própria. Não têm nenhum cuidado para com suas almas, nenhum

cuidado para com a eternidade, nenhum cuidado para com Cristo. Elas cuidam de si mesmas, de suas famílias, do mundo, de ganhar dinheiro; e, no entanto, você as encontrará despertas na madrugada de segunda-feira dirigindo-se a seus trabalhos.

Lídia não pertencia, de modo algum, a essa classe de pessoas. Não há dúvida de que ela exercesse seu ofício, como toda pessoa correta deve fazer. Ousamos dizer — e estamos até certos disso — que ela negociava púrpura da melhor qualidade, e era uma comerciante correta e honesta no sentido mais amplo da palavra. Mas ela não passava o sábado dormindo, ou vadiando em sua casa, ou cuidando de si própria, ou

fazendo um grande alarde de tudo o que precisou fazer durante a semana.

Tampouco cremos que Lídia fosse uma dessas pessoas que vivem tão preocupadas consigo mesmas que, para elas, uma chuva é motivo suficiente para ficarem longe das reuniões. Não; Lídia era de uma classe totalmente diferente. Era uma mulher sincera, que sabia possuir uma alma a ser salva e a eternidade diante de si, além de um Deus vivo para servir e adorar.

Prouvera a Deus que tivéssemos mais “*Lídias*” em nossos dias! Isso acrescentaria um atrativo, um interesse, uma permanente novidade à obra do evangelista, coisas estas que muitos dos obreiros do Senhor em vão suspiram

encontrar. Parece que vivemos numa época de terrível desinteresse em se tomar uma posição para com as coisas divinas e eternas. Homens, mulheres e crianças estão sempre prontos a tomar uma posição quando se trata de ganhar dinheiro, ou de conquistar bens e prazeres; mas, oh, quando se trata das coisas de Deus, das coisas da alma, das coisas da eternidade, as pessoas fazem questão de bocejar de indiferença. Mas o momento se aproxima rapidamente — cada batida do coração, cada tique-taque do relógio nos leva mais perto dele — quando a descarada indiferença será transformada em “*pranto e ranger de dentes*”. (Mt 8:12) Se isso fosse sentido com maior profundidade,

teríamos muito mais “*Lídias*” prontas a dar atenção ao evangelho de Paulo.

Que força e beleza há nestas palavras: “*O Senhor lhe abriu o coração para que **estivesse atenta** ao que Paulo dizia*”. (At 16:14) Lídia não era como essas pessoas que vão às reuniões para pensar em toda e qualquer coisa, exceto no que está sendo falado pelos mensageiros de Deus. Ela não estava pensando na sua púrpura, ou nos preços, ou nos prováveis lucros ou perdas. Quantos daqueles que enchem nossos salões nas pregações e nos estudos estariam seguindo o exemplo de Lídia? Oh! tememos que sejam bem poucos. Os negócios, as condições do mercado, a quantidade de fundos, o dinheiro, os

prazeres, os vestidos, as tolices — mil e uma coisas vêm ao pensamento, permanecem nele e são ali acalentados, até que o pobre, errante e volátil coração acaba ocupado com a terra, ao invés de *estar atento* às coisas que são faladas.

Isso tudo é muito solene e também muito terrível. É algo que deve ser verdadeiramente investigado e ponderado. As pessoas parecem se esquecer da responsabilidade que envolve escutar o evangelho pregado. Não parecem estar, em medida alguma, impressionadas com a gravidade que há no fato de o evangelho nunca deixar qualquer inconverso na mesma condição em que se encontrava antes. Ou ele é

salvo por receber o evangelho, ou torna-se mais culpado por rejeitá-lo. Sendo assim, escutar o evangelho é um assunto sério. As pessoas podem ir às pregações do evangelho por costume ou como um culto religioso, ou ainda por não terem o que fazer e disporem de tempo de sobra; ou podem ir por pensarem que o mero ato de estarem indo tenha, em si, algum tipo de mérito.

Assim, milhares frequentam as pregações nas quais os servos de Cristo, ainda que sem serem “*Paulos*” em seu dom, poder ou inteligência, revelam a preciosa graça de Deus em enviar Seu Filho Unigênito ao mundo para nos salvar do infortúnio e do tormento eterno. A virtude e eficácia da morte

expiatória do divino Salvador — o Cordeiro de Deus — as terríveis realidades da eternidade — os pavorosos horrores do inferno, e os indizíveis gozos do céu — todas elas questões de grande importância, são apresentadas de acordo com a medida de graça conferida a cada mensageiro do Senhor e, ainda assim, quão pequeno é o efeito produzido! Eles tratam “*da justiça, e da temperança, e do juízo vindouro*”, e no entanto, quão poucos são os que ficam “*espavoridos*”! (At 24:25)

E por que razão acontece isso? Será que alguém iria ousar se desculpar por rejeitar a mensagem do evangelho com base na sua incapacidade de crer? Será

que você é alguém que iria ler tudo isto e ainda dizer: *“O Senhor abriu o coração de Lídia; e se Ele tão somente fizesse o mesmo comigo, eu também aceitaria; mas enquanto Ele não o fizer, não há nada que eu possa fazer”*.

Respondemos, e isto com profunda seriedade, que tal argumento não poderá livrá-lo no dia do juízo. E estamos até convencidos de que você nem mesmo ousará apresentar tal argumento então. Se pensa assim, está fazendo uma má aplicação da atraente história de Lídia. É verdade, e uma bendita verdade, que o Senhor abriu o coração dela; e Ele está pronto a abrir o seu coração também, se houver nele ainda que um centésimo da sinceridade de Lídia.

Acaso, querido leitor, você não sabe que existem dois lados nesta importante questão, assim como acontece em todo assunto? Pode parecer bem, e soar convincente, quando você diz: “*Não há nada que eu possa fazer*”. Mas quem foi que lhe disse isto? Onde foi que você aprendeu assim? Nós o desafiamos solenemente, na presença de Deus: Poderia você olhar para Ele e dizer, “*Não há nada que eu possa fazer — não sou responsável*”? Seria a salvação de sua alma imortal a única coisa acerca da qual você nada poderia fazer? Você pode fazer muitas coisas a serviço do mundo, do seu ego e de Satanás, mas quando se trata de uma questão de Deus, da alma e da eternidade, você

candidamente diz: *“Não há nada que eu possa fazer — não sou responsável”*.

Ah! isto jamais irá resolver a questão. Esse tipo de argumento é fruto de uma teologia parcial. É o resultado do mais pernicioso raciocínio da mente humana sobre certas verdades das Escrituras, as quais são assim distorcidas e tristemente mal aplicadas. É sobre isso que insistimos com o leitor. Não há como argumentar dessa forma. O pecador é responsável; e toda a teologia, todo o raciocínio, todas as falhas e objeções juntas, ainda que plausíveis, jamais conseguirão diminuir a gravidade e seriedade do fato.

Sendo assim, rogamos ao leitor para

que, como Lídia, trate com sinceridade a questão da salvação de sua alma — e deixe que qualquer outra questão, qualquer outro ponto, qualquer outro assunto, naufrague em total insignificância em comparação com esta oportuníssima questão — a salvação de sua alma tão preciosa. E então, pode estar certo de que Aquele que enviou Filipe ao eunuco; Pedro ao centurião e Paulo a Lídia, irá enviar, ao leitor, alguém trazendo uma mensagem, e também abrirá seu coração para atendê-la. Nisto não pode haver uma dúvida sequer, já que as Escrituras declaram que Deus não quer “*que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se*”. (2 Pe 3:9) Todos os

que perecem, após terem ouvido a mensagem de salvação — a doce história do gratuito amor de Deus e da morte e ressurreição do Salvador — perecerão sem uma sombra sequer de desculpa, e descerão ao inferno com seu próprio sangue sobre suas cabeças culpadas. Seus olhos serão então abertos para enxergar através de todos os débeis argumentos pelos quais tentaram se manter numa falsa posição, deixando-se embalar no sono do pecado e do mundanismo.

Tratemos agora um pouco do “*que Paulo dizia*”. (At 16:14) O Espírito de Deus não achou apropriado dar-nos nem mesmo um breve esboço da pregação de Paulo naquela reunião de oração.

Portanto temos que nos valer de outras passagens das Sagradas Escrituras para formar uma ideia do que Lídia escutou dos lábios de Paulo naquela ocasião tão interessante. Vamos tomar, por exemplo, a famosa passagem em que ele recorda aos Coríntios o evangelho que lhes havia pregado. *“Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado; o qual também recebestes, e no qual também permaneceis. Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou*

ao terceiro dia, segundo as Escrituras.” (1 Co 15:1-4).

Podemos agora concluir, com toda a segurança, que a passagem acima contém um compêndio das coisas que foram faladas por Paulo na reunião de oração em Filipos. O grande tema da pregação de Paulo era Cristo — Cristo para o pecador — Cristo para o santo — Cristo para a consciência — Cristo para o coração. Ele nunca se permitiu vagar para fora deste grande ponto central, mas fez com que todas as suas pregações e todo o seu ensino circulassem ao redor dele com uma uniformidade admirável. Quando chamava os homens, tanto judeus como gentios, ao arrependimento, a alavanca

que usava era Cristo. Quando insistia para que cressem, o objeto que colocava diante deles para nele exercerem fé era Cristo, com a autoridade das Sagradas Escrituras. Quando arrazoava acerca da justiça, da temperança e do julgamento vindouro, Cristo era Aquele que dava a convicção e o poder moral à sua argumentação. Em suma, Cristo era a substância e o cerne, a suma e a essência, o fundamento e a pedra principal da pregação e ensino de Paulo.

Todavia, para nosso propósito aqui, há três grandes assuntos, encontrados na pregação de Paulo, para os quais desejamos chamar a atenção do leitor. São, primeiro, a graça de Deus; segundo, a Pessoa e obra de Cristo; e

terceiro, o testemunho do Espírito Santo conforme é dado nas Sagradas Escrituras. Não tentaremos, aqui, nos aprofundar nestes assuntos tão extensos; tão somente faremos menção deles, convidando o leitor a ponderar sobre eles, meditar neles, e procurar se apropriar deles.

A Graça de Deus

Primeiramente, a graça de Deus — Seu livre e soberano favor; é a fonte da qual flui a salvação — a salvação em toda a sua extensão, em toda a sua profundidade, no sentido mais amplo desta preciosa palavra — salvação que desce tal qual uma corrente de ouro, vinda do seio de Deus, até alcançar os

mais profundos abismos da culpa e da condição arruinada do pecador, subindo então novamente para o trono de Deus — salvação que atende a todas as necessidades do pecador, que envolve toda a história do santo, e que glorifica a Deus da maneira mais elevada possível.

A Pessoa de Cristo

A Pessoa de Cristo — e Sua obra consumada — é o *único* canal através do qual a salvação pode fluir para o pecador perdido e culpado. Não a Igreja, com seus sacramentos, nem a religião com seus ritos e cerimônias — nada que provenha do homem ou de seus feitos, seja qual for a sua forma ou aparência, mas a morte e ressurreição de

Cristo. *“Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras... e foi sepultado, e... ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.”* (1 Co 15:3, 4) Era este o evangelho que Paulo pregava, por meio do qual os coríntios foram salvos, e acerca do qual o apóstolo declara com solene ênfase: *“Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema (maldito)”*. (Gl 1:9)

Tremendas palavras para nossos dias!

A Autoridade

Finalmente, a autoridade sobre a qual recebemos a salvação é o testemunho do Espírito Santo nas Escrituras. É “segundo as Escrituras”. Trata-se de

uma verdade das mais sólidas e confortadoras. Não se trata da questão de nossos sentimentos ou experiências, ou de evidências; é uma simples questão de fé na Palavra de Deus, fé esta produzida no coração pelo Espírito de Deus.

Onde quer que o Espírito de Deus esteja trabalhando, aí Satanás certamente estará também ocupado, e isto é um assunto sério para o evangelista refletir. Devemos nos lembrar disto, e estarmos sempre preparados para isto. O inimigo de Cristo e inimigo de nossas almas está sempre vigiando, sempre rondando para ver o que pode fazer, seja para impedir ou corromper a obra do evangelho. Não é preciso que fiquemos aterrorizados

com isto, e nem é algo para desencorajar o obreiro; mas é bom ter isto em mente e manter-se vigilante. Satanás não deixará de virar uma pedra sequer, se isto puder desfigurar ou impedir a bendita obra do Espírito de Deus. Ele já provou ser o inimigo vigilante e incansável daqueles que trabalham, desde os dias do Éden até o presente momento.

Ao traçarmos a história de Satanás, o encontramos atuando em duas formas: como serpente ou como leão — usando de astúcia ou de violência. Ele procurará enganar, e, se não for bem sucedido, então usará de violência. É o que acontece no capítulo 16 de Atos.

O coração do apóstolo havia recebido

ânimo e refrigério por aquilo que nossos contemporâneos chamariam de ‘um lindo caso de conversão’. A conversão de Lídia havia sido bem real e decisiva, em todos os seus aspectos. Era algo direto, positivo e inquestionável. Ela havia recebido a Cristo em seu coração e, a partir de então, entrou em terreno cristão ao se submeter ao batismo, esta ordenança de significado tão profundo. Mas ainda não foi tudo. Ela imediatamente abriu sua casa para os mensageiros do Senhor. Não se tratava de uma mera profissão de lábios. Não se tratava de apenas *dizer* que cria. Ela provou sua fé em Cristo, não somente ao passar sob as águas do batismo, mas também por identificar-se, junto com sua

casa, com o nome e com a causa daquele Bendito Ser a Quem ela havia recebido em seu coração pela fé. Tudo isso era claro e satisfatório. Mas iremos agora ver algo bem diferente. A serpente entra em cena na pessoa do enganador.

O ENGANADOR

“E ACONTECEU que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem, que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens, que vos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo. E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo,

perturbado, voltou-se, e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu.” (At 16:16-18).

Tratava-se, portanto, de um caso eminentemente calculado para testar a espiritualidade e integridade do evangelista. A maioria dos homens teria dado as boas-vindas a tais palavras saídas dos lábios dessa jovem, como um testemunho de encorajamento à obra. Por que então Paulo se perturbou? Por que não permitiu que ela continuasse a dar testemunho do objetivo de sua missão? Acaso não estava ela dizendo a verdade? Não eram eles servos do Deus Altíssimo? E porventura não estavam anunciando o caminho da salvação? Por

que se perturbar então? Por que silenciar uma testemunha assim? Porque provinha de Satanás; e, com toda a certeza, o apóstolo não iria receber um testemunho vindo dele. Paulo não iria permitir que Satanás o ajudasse em seu trabalho. É verdade que ele poderia ter andado pelas ruas de Filipos sendo honrado e reconhecido como um servo de Deus, se tão somente tivesse consentido em deixar o diabo dar uma mão na obra. Mas Paulo nunca poderia concordar com isto. Ele nunca poderia permitir que o inimigo se misturasse com a obra do Senhor. Se assim tivesse feito, teria desferido o golpe mortal ao testemunho em Filipos. Permitir que Satanás colocasse sua mão na obra teria

resultado no completo naufrágio da missão à Macedônia.

Para o obreiro do Senhor, ponderar neste assunto é algo da mais profunda importância. Podemos ficar assegurados de que esta narrativa da jovem foi escrita para nossa instrução. Não é apenas um registro do que aconteceu, mas uma amostra do que pode acontecer, e acontece, todos os dias. A cristandade está cheia de falsa profissão cristã. Há multidões de falsos cristãos hoje, espalhados por todos os domínios do cristianismo professado. Triste é dizer isto, mas assim é, e devemos chamar a atenção do leitor para este fato. Estamos cercados, de todos os lados, por aqueles que dão um mero assentimento nominal

às verdades da religião cristã. Eles vivem, semana após semana, e ano após ano, professando crer em certas coisas nas quais, na verdade, não creem realmente. Há milhares que, a cada dia do Senhor, professam crer no perdão dos pecados e, ainda assim, se tais pessoas fossem examinadas, seria descoberto que nem pensam sobre o assunto ou, se pensam, desprezam-no considerando uma grande presunção alguém ter certeza de que seus pecados estejam perdoados.

Isto é algo muito sério. Apenas pense em uma pessoa que fica rezando diante de Deus, dizendo: “*Creio no perdão dos pecados*”, e que ao mesmo tempo não está crendo em tal coisa! Poderia algo

ser mais endurecedor a um coração, ou mais mortal a uma consciência do que isto? Estamos persuadidos de que as cerimônias e formalismos do cristianismo professo estão ocasionando mais destruição às almas preciosas do que todas as formas de depravação moral colocadas juntas. É verdadeiramente aterrador contemplarmos as incontáveis multidões que estão, neste exato momento, correndo pela bem pavimentada estrada da profissão religiosa, em direção às chamas eternas do inferno. Sentimo-nos obrigados a erguer um sinal de aviso. Queremos que o leitor solenemente dê atenção a este assunto.

Nós tão somente mencionamos um ponto

em especial, pois se refere a um assunto de interesse e importância bem abrangentes. Quão poucos, comparativamente falando, estão esclarecidos e bem fundamentados quanto à questão do perdão dos pecados! Quão poucos são capazes de calma, decidida e inteligentemente dizer: *EU SEI* que meus pecados estão perdoados! Quão poucos estão realmente desfrutando do pleno perdão dos pecados, pela fé naquele precioso sangue que nos limpa de todo pecado! Portanto, quão solene é quando escutamos pessoas rezando palavras como, '*Creio no perdão dos pecados*', quando, na verdade, não creem nas palavras que estão saindo de suas

próprias bocas.

Porventura o leitor tem o costume de usar este palavreado? Acaso crê nisto? Diga-me, querido leitor: estão os seus pecados perdoados? Você já foi lavado no precioso sangue expiatório de Cristo? Se não, por que não? O caminho está aberto. Não há nada que impeça. Você é perfeitamente bem-vindo para usufruir, neste exato momento, dos benefícios gratuitos da obra expiatória de Cristo. Ainda que seus pecados sejam como a escarlata; ainda que sejam escuros como a meia-noite, enegrecidos como o inferno; ainda que se elevem como uma pavorosa montanha perante a visão de sua alma atribulada, e queiram fazer com que você afunde na perdição

eterna; ainda assim estas palavras resplandecem nas páginas da inspiração com um lustro celestial: “*O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de **TODO** o pecado*”. (1 Jo 1:7)

Mas atente bem, amigo; não siga adiante, semana após semana, zombando de Deus, endurecendo seu próprio coração e fazendo uso dos métodos do grande inimigo de Cristo, por meio de uma falsa profissão cristã. Era isto o que caracterizava a jovem possessa de um espírito de adivinhação, e sua história aqui está ligada à horrível condição da cristandade atual. Onde estava a ênfase de sua proclamação, durante aqueles “*muitos dias*” durante os quais o apóstolo cuidadosamente analisou seu

caso? *“Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo.”* (At 16:17). No entanto ela não estava salva — ela não estava liberta — ela própria estava, o tempo todo, sob o poder de Satanás.

Assim é com a cristandade — assim é com cada falso professo em cada canto da Igreja professa. Não conhecemos nada — nos mais profundos abismos do mal moral, ou nas mais tenebrosas sombras do ateísmo — que seja mais verdadeiramente horrível do que o estado dos descuidados, endurecidos, egoístas e mundanos cristãos professos que, a cada domingo, a cada dia do Senhor, fazem afirmações, tanto em suas orações como em seus cânticos, com

palavras que, no que concerne a eles próprios, são totalmente falsas.

O simples pensamento disto é, às vezes, quase desalentador. Não podemos nos ater mais neste assunto. É realmente muito triste. Devemos seguir adiante, depois de termos solenemente alertado uma vez mais nosso leitor contra qualquer indício ou sombra de falsa profissão cristã. Que não venha a dizer ou cantar aquilo que não creia de coração. O diabo está por detrás de toda falsa profissão cristã, e, por esses meios, procura trazer descrédito à obra do Senhor.

Mas quão verdadeiramente animador é contemplarmos a atitude do fiel apóstolo

no caso da jovem. Se ele estivesse procurando seus próprios interesses, ou se fosse um mero ministro religioso, talvez tivesse dado as boas-vindas às palavras dela, como uma fonte jorrando reconhecimento para elevar a maré de sua popularidade, ou para promover o interesse em prol de sua causa. Mas Paulo não era um mero ministro de alguma religião; ele era um ministro de Cristo — algo completamente diferente. E devemos notar que a jovem não diz uma palavra sequer a respeito de Cristo. Ela não menciona o precioso e inestimável nome de Jesus. Há um completo silêncio acerca dele. Isto denota que tudo aquilo vinha de Satanás. *“Ninguém pode dizer que Jesus é o*

Senhor, senão pelo Espírito Santo.” (1 Co 12:3) As pessoas podem falar de Deus e de religião; mas Cristo não tem lugar em seus corações. Os fariseus, no capítulo nove de João, podiam dizer ao pobre homem, *“Dá glória a Deus”*; mas ao falarem de Jesus, diziam, *“Esse homem é pecador”*. (Jo 9:24)

E assim sempre ocorre no caso da religião corrompida, ou do falso cristianismo professado. Era isto o que acontecia com a jovem de Atos 16: Não havia uma só sílaba acerca de Cristo. Não havia verdade, não havia vida e nem realidade. Era algo falso e vazio. Era algo que provinha de Satanás; e por esta razão Paulo não poderia, e não iria, aceitá-lo; ele ficou perturbado com

aquilo e acabou rejeitando-o completamente.

Quisera todos fossem como Paulo. Quisera existisse em todos um “*olho simples*” para detectar, e a integridade de coração para rejeitar, a obra de Satanás em muito daquilo que está acontecendo ao nosso redor! Paulo, por graça, possuía esse “*olho simples*”. Alguém queria enganá-lo. Ele viu que a coisa toda era um esforço de Satanás para misturar-se com a obra, a fim de poder neutralizá-la completamente. “*Mas Paulo, perturbado, voltou-se, e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu.*” (At 16:18).

Aquela era uma atitude verdadeiramente espiritual. Paulo não iria, de modo algum, se precipitar e entrar em choque com o mal, ou mesmo tomar alguma posição prematura acerca daquilo; ele esperou muitos dias; mas no momento exato em que o inimigo foi detectado, Paulo resistiu a ele e o expulsou com inquestionável decisão. Um obreiro menos espiritual teria deixado a coisa toda passar, pensando que poderia ser de proveito e auxílio no desenvolvimento do trabalho. Paulo pensava diferente; e estava certo. Ele não iria receber ajuda de Satanás. Não iria trabalhar sob uma tal influência; e, portanto, em nome de Jesus Cristo — o nome que o inimigo com tanto cuidado

omitiu — ele põe Satanás a correr.

Porém, mal era repellido como serpente, Satanás já assumia o caráter de um leão. Havendo falhado a astúcia, ele tenta a violência. *“E, vendo seus senhores que a esperança do seu lucro estava perdida, prenderam Paulo e Silas, e os levaram à presença dos magistrados. E, apresentando-os aos magistrados, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade. E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos. E a multidão se levantou unida contra eles, e os magistrados, rasgando-lhes os vestidos, mandaram açoitá-los com varas. E, havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na*

prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança.” (At 16:19-23).

O inimigo parece, assim, triunfar; mas deve ser lembrado que os guerreiros de Cristo conquistam suas mais esplêndidas vitórias por meio de aparentes derrotas. O diabo cometeu um grande erro quando lançou o apóstolo na prisão. Na verdade é um consolo pensar que ele nunca fez nada além de cometer grandes erros, desde quando deixou seu estado original até o presente momento. Toda a sua história, do começo ao fim, está formada por erros.

Sendo assim, como já foi assinalado, o diabo cometeu um grande erro quando

lançou Paulo na prisão em Filipos. Do ponto de vista do olho natural parecia justamente o contrário; mas, pela análise que vem da fé, o servo de Cristo estava em um lugar que lhe era muito mais apropriado, estando na prisão por causa da verdade, do que se estivesse fora dela à custa da reputação de seu Mestre. Sim, Paulo poderia ter se livrado. Ele poderia ter sido um homem honrado, aceito e reconhecido como um “*servo do Deus Altíssimo*”, se tão somente tivesse aceitado o testemunho da jovem e permitido que o diabo o ajudasse em seu trabalho. Mas ele não podia permitir isso e, portanto, tinha que sofrer. “*E a multidão (sempre inconstante e fácil de se deixar influenciar) se levantou*

unida contra eles, e os magistrados, rasgando-lhes os vestidos, mandaram açoitá-los com varas. E, havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança. O qual, tendo recebido tal ordem, os lançou no cárcere interior, e lhes segurou os pés no tronco.” (At 16:22-24).

Alguns bem poderiam dizer que esse era o fim da obra do evangelista na cidade de Filipos. Que ali estava um freio eficaz à pregação. Mas não foi assim; a prisão era, naquele momento, o lugar mais apropriado para o evangelista. Seu trabalho estava ali. Dentro das paredes daquela prisão ele iria encontrar uma congregação que não poderia ter

encontrado fora dela. Mas isto nos leva ao terceiro e último evento — ao caso do pecador endurecido.

O PECADOR ENDURECIDO

ERA BEM IMPROVÁVEL que o carcereiro alguma vez fosse encontrado indo à reunião de oração à beira do rio. Ele não ligava para essas coisas. Não era um desses que busca com sinceridade, e nem um enganador. Ele era um pecador endurecido, com uma profissão que o tornava ainda mais insensível. Pela própria exigência de seu trabalho, os carcereiros são, de uma forma geral, homens duros e severos. Não há dúvidas de que há exceções. Há alguns homens de coração terno que

podem ser encontrados em ocupações assim; mas, como regra geral, os carcereiros não são ternos de coração. A profissão que exercem dificilmente permitiria que se mantivessem assim. Eles têm que tratar com a pior classe da sociedade. A maior parte dos crimes de todo o país não lhes é desconhecida; e muitos desses criminosos são colocados aos seus cuidados. Por estarem habituados a tratar com aquilo que é rude e grosseiro, eles acabam tornando-se também rudes e grosseiros.

Agora, a julgar pela narrativa inspirada que temos diante de nós, podemos muito bem indagar se o carcereiro de Filipos não seria uma exceção à regra geral acerca dessa classe de homens.

Certamente não parece que ele tenha demonstrado muita ternura para com Paulo e Silas. “*Os lançou no cárcere interior, e lhes segurou os pés no tronco.*” (At 16:24) Parece que ele fez tudo o que podia para que não tivessem conforto algum.

Mas Deus tinha uma rica misericórdia reservada para aquele pobre, insensível e cruel carcereiro; e, como tudo indicava que ele nunca iria sair para escutar o evangelho, o Senhor enviou o evangelho até ele; e, mais do que isso, usou o diabo como instrumento para que recebesse o evangelho. Mal sabia o carcereiro quem é que ele estava recolhendo ao cárcere interior — mal podia ele imaginar o que iria acontecer

antes que visse novamente a luz do sol. E, podemos acrescentar, o diabo não tinha nem ideia do que estava fazendo quando mandou os pregadores do evangelho para a prisão, para que, ali, fossem os meios usados por Deus para a conversão do carcereiro. Mas o Senhor Jesus Cristo sabia o que Ele estava para fazer no caso daquele pobre e endurecido pecador. Ele pode transformar a ira do homem em louvor para Si e impedir o que possa se opor.

Onde quer que Ele opere,

Tudo se dobra ao Seu poder,

Cada ação Sua é pura bênção,

E Sua senda, luz pura há de ser.

Quando desnuda Ele Seu braço,

Quem é que pode opor-se ao Seu mover?

Quando defende a causa de Seu povo,

Quem teria forças para O deter?

O Senhor tinha o propósito de salvar o carcereiro; e Satanás não só era incapaz de frustrar aquele propósito, como acabou sendo um instrumento para concretizá-lo. O propósito de Deus prevalecerá, Ele cumprirá o que Lhe apraz. E onde quer que Deus coloque o Seu amor sobre um pobre, desventurado e culpado pecador, Ele o introduzirá no céu, apesar de toda a malícia e fúria do inferno.

No que diz respeito a Paulo e Silas, fica bem evidente que, naquela prisão, eles estavam onde deveriam estar. Eles se encontravam ali *por causa da verdade* e, portanto, *o Senhor estava com eles*. É por isso que estavam plenamente felizes. Muito embora tivessem sido confinados entre as escuras paredes daquela prisão, com seus pés presos ao tronco, aquelas mesmas paredes não poderiam reter seus espíritos. Nada poderá impedir o gozo de alguém que tem o Senhor consigo. Sadraque, Mesaque e Abedenego estavam felizes na fornalha de fogo. Daniel estava feliz na cova dos leões; e Paulo e Silas estavam felizes no calabouço de Filipos: *“E, perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e*

cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam.” (At 16:25).

Que sons estranhos eram aqueles, para saírem das profundezas de um calabouço! Podemos seguramente dizer que sons como aqueles nunca antes tinham sido produzidos ali. Maldições, maledicências e blasfêmias podem ter sido ouvidas; lamentos, choros e gemidos costumavam atravessar aquelas paredes. Mas deve ter sido algo estranho escutar aqueles acordes de louvor e oração sendo entoados à meia-noite. A fé pode cantar em um calabouço com a mesma doçura que canta numa reunião de oração. Não importa onde estamos, desde que tenhamos Deus conosco. Sua presença ilumina a mais

escura cela, e transforma um calabouço na própria porta do céu. Ele pode fazer os Seus servos felizes, não importa onde se encontrem, e pode dar-lhes vitória nas circunstâncias mais adversas, fazendo com que cantem de gozo onde, naturalmente, deveriam estar oprimidos pela tristeza.

Mas o Senhor tinha os Seus olhos postos no carcereiro. Ele havia escrito seu nome no livro da vida do Cordeiro antes da fundação do mundo, e estava a ponto de introduzi-lo no mais completo gozo da salvação que Ele dá. *“E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de*

todos.” (At 16:26).

Se Paulo não estivesse em completa comunhão com o pensamento e o coração de Cristo, teria com toda a certeza se voltado para Silas e falado: *“Chegou a hora de escaparmos. Deus nos socorreu de modo bem evidente e nos providenciou uma porta aberta. Nunca houve uma porta tão claramente aberta pela providência divina do que agora.”* Mas não foi assim; Paulo conhecia melhor. Ele estava totalmente imerso na torrente de pensamentos do Seu bendito Mestre, e em completa sintonia com Seu coração. Portanto não fez nenhuma tentativa de escapar. *A verdade* o levava para a prisão; *a graça* o mantivera ali; *a providência* abria a

porta; mas *a fé* recusava-se a fugir. As pessoas falam de se deixarem guiar pela *providência*; todavia se Paulo tivesse se deixado guiar assim, nunca teria tido o carcereiro como mais uma joia em sua coroa.

“E, acordando o carcereiro, e vendo abertas as portas da prisão, tirou a espada, e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido.” (At 16:27)

Isso prova bem claramente que o terremoto, com tudo o que causou, não havia sequer tocado o coração do carcereiro. Ele naturalmente supôs, ao encontrar as portas abertas, que todos os prisioneiros tivessem fugido. Ele nem podia imaginar que havia um grupo de prisioneiros sentados silenciosamente

em suas celas, enquanto as portas permaneciam abertas e soltas as correntes. E o que aconteceria com ele se os prisioneiros tivessem fugido? Como é que poderia comparecer diante das autoridades? Seria impossível fazê-lo. Qualquer coisa seria melhor do que isso. Era preferível a morte, mesmo que por suas próprias mãos.

E assim o diabo conduziu esse endurecido pecador até à beira do precipício, e estava a ponto de dar o empurrão final e fatal que o levaria às eternas chamas do inferno, quando uma voz de amor soou em seus ouvidos. Era a voz de Jesus através dos lábios de Seu servo — uma voz de terna e profunda compaixão — *“Não te faças nenhum*

mal”.

Aquilo era irresistível. Um pecador endurecido podia enfrentar um terremoto; podia ir até mesmo ao encontro da morte; mas não podia resistir ao imenso, terno e quebrantador poder do amor. *“E, pedindo luz, saltou dentro, e, **todo trêmulo**, se prostrou ante Paulo e Silas. E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?”* (At 16:30) O amor pode quebrar o coração mais duro. E com toda a certeza havia amor naquelas palavras, “Não te faças nenhum mal”, que saíram dos lábios daquele a quem o carcereiro havia feito tanto mal poucas horas antes.

E deve ser notado que não havia, nas palavras de Paulo, nenhuma sílaba sequer de reprovação ou censura dirigida ao carcereiro. Era tudo à maneira de Cristo. Tudo do jeito que a graça divina sempre faz. Se olharmos por todo o evangelho, nunca encontraremos o Senhor lançando qualquer reprimenda sobre o pecador. Ele sempre tem lágrimas de compaixão; Ele sempre tem palavras comoventes de graça e ternura; mas não há nenhuma reprimenda em Suas palavras — não há censuras dirigidas ao pobre e aflito pecador. Não podemos tentar fornecer aqui os muitos exemplos e provas desta afirmação; mas o leitor terá que tão somente ler os evangelhos para ver que

é verdade. Veja o filho pródigo; veja o ladrão na cruz. Nenhuma palavra de reprovação a qualquer um deles.

É sempre assim; e assim foi com o Espírito de Deus em Paulo. Não há uma palavra acerca do áspero tratamento que recebeu — nada sobre ter sido lançado no cárcere interior — nem uma única palavra sobre os pés terem sido presos no tronco. “*Não te faças nenhum mal.*” E, então, “*Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa*”. (At 16:31)

Tal é a rica e preciosa graça de Deus. Ela brilha nesta cena com inusitado fulgor. Ela se apraz em tomar pecadores embrutecidos para derreter e conquistar

seus duros corações, e introduzi-los no pleno fulgor de uma completa salvação; e tudo isso usando de um estilo que lhe é peculiar. Sim, Deus tem Seu estilo próprio de fazer as coisas, bendito seja o Seu nome; e quando Ele salva um desventurado pecador, o faz de uma maneira tal que comprove que todo o Seu coração está envolvido naquela obra. Ele tem gozo em salvar um pecador — até o principal deles — e o faz de um modo digno de Si mesmo.

Vamos ver agora o fruto de tudo isso. A conversão do carcereiro era inequívoca. Salvo da beira do inferno, ele foi introduzido na própria atmosfera do céu. Guardado da autodestruição, ele foi levado para o círculo da salvação dada

por Deus; e as evidências disso foram tão claras quanto se podia desejar. *“E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa. E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os pés; e logo foi batizado, ele e todos os seus. E, levando-os a sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus alegrou-se com toda a sua casa.”* (At 16:34).

Que mudança maravilhosa! O implacável carcereiro tornou-se um gentil hospedeiro! *“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”* (2 Co 5:17) Com que clareza podemos ver que Paulo estava

certo em não se deixar guiar pela *providência*! Quão melhor e mais elevado foi se deixar dirigir pelos “*olhos*” de Deus (Salmo 32:8)! Que eterna perda teria sido se ele tivesse saído por aquela porta aberta! Quão melhor foi ter sido levado para fora pela mesma mão que o havia colocado ali — uma mão que, outrora instrumento de crueldade e pecado, era agora um instrumento de justiça e amor! Que magnífico triunfo! Que cena ímpar! Quão longe estava o diabo de pensar que haveria um resultado assim da prisão dos servos do Senhor! O diabo era todo ele astúcia, mas o caldo entornou do seu lado. Ele, que pensava impedir o evangelho, achou-se prestando um

auxílio à sua expansão. Ele, que queria se livrar dos dois servos de Cristo, acabou perdendo um servo seu. Cristo é mais forte que Satanás; e todos os que confiam no Senhor e seguem a corrente dos Seus pensamentos irão, com toda a certeza, compartilhar dos triunfos da Sua graça agora, e brilhar no fulgor de Sua glória eternamente.

Assim é a *“obra do evangelista”*.

Assim são as circunstâncias pelas quais ele poderá passar — tais são os casos com os quais talvez venha a ter contato. Vimos o que buscava ansiosamente sendo satisfeito; vimos o enganador silenciado; e vimos o pecador endurecido salvo. Que todos os que seguem pregando o evangelho da graça

de Deus possam saber como tratar dos vários tipos de caráter que poderão encontrar pelo caminho! Que muitos possam ser levantados para fazerem a obra de um evangelista!

SEGUNDA PARTE — CARTAS AOS EVANGELISTAS

PRIMEIRA CARTA — À Procura de Almas

ULTIMAMENTE tido grande interesse, e creio estar tendo proveito, em acompanhar, tanto nos evangelhos como no livro de Atos, as várias referências que são feitas à obra de evangelização. Assim, já que você tem se ocupado

bastante neste bendito trabalho, achei que não seria inoportuno apresentar-lhe alguns pensamentos que me vêm à mente. Sinto-me mais à vontade fazendo-o na forma de cartas do que se tivesse que escrever um tratado sobre o assunto.

Em primeiro lugar, fiquei muito surpreso com a simplicidade com que a obra de evangelização era levada adiante no primeiro século; bem diferente de muito daquilo que hoje costumamos fazer.

Parece-me que, por sermos mais modernos, nos achamos por demais embaraçados nas regras convencionais — por demais presos pelos hábitos da cristandade. Somos tristemente deficientes naquilo que eu poderia chamar de elasticidade espiritual.

Somos propensos a pensar que deve existir algum dom especial para se evangelizar; e que mesmo onde há esse dom especial, deve haver uma grande parcela de engenho e organização humana. Quando falamos de fazer a obra de um evangelista, temos, na maioria das vezes, a ideia de grandes auditórios com audiências lotadas, para as quais se exige uma medida considerável de dom e poder para pregar.

Sei que tanto eu como você cremos que para se pregar o evangelho em público deve haver um dom especial dado pela Cabeça da Igreja; e, mais que isso, cremos, em conformidade com Efésios 4:2, que Cristo deu, e ainda dá, “*evangelistas*”. Isto fica claro se nos

deixarmos guiar pelas Escrituras. Mas vejo nos Evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos, que uma boa parte do mais abençoado trabalho evangelístico foi feito por pessoas que não eram especialmente dotadas, mas que tinham um amor sincero para com as almas, e um profundo senso da preciosidade de Cristo e da salvação que Ele dá. E, o que é mais importante, vejo naqueles que eram especialmente dotados, chamados e designados por Cristo para pregar o evangelho, uma simplicidade, liberdade e naturalidade em sua maneira de trabalhar, que ambiciono não apenas para mim, mas também para meus irmãos.

Vamos dar uma olhada nas Escrituras.

Tome como exemplo a bela cena em João 1:36-45: João derrama o seu coração em testemunho acerca de Jesus: *“Eis o Cordeiro de Deus!”* Sua alma estava absorvida com aquele glorioso Objeto. E qual foi o resultado? *“Dois discípulos ouviram-no dizer isto, e seguiram a Jesus.”* E depois? *“Era André, irmão de Simão Pedro, um dos dois que ouviram aquilo de João, e O haviam seguido.”* E o que é que ele faz? *“Este achou primeiro a seu irmão Simão, e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus.”* E depois, *“no dia seguinte quis Jesus ir à Galileia, e achou a Filipe, e disse-lhe: Segue-me... **Filipe achou Natanael**, e disse-lhe: Havemos achado*

Aquele de Quem Moisés escreveu na lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José... Vem e vê.”.

Aqui está o estilo que sinceramente almejo: esse trabalho individual, essa forma de se ocupar com o primeiro que se encontra no caminho, esse desejo de se buscar primeiro ao próprio irmão e levá-lo a Jesus. Sinto verdadeiramente que somos deficientes nisto. Está bem que reunamos muitas pessoas e preguemos a elas, na medida em que Deus nos dê habilidade e oportunidade para tal. Nem eu nem você escreveríamos uma palavra sequer que viesse a depreciar tal modo de trabalho. Procure sempre alugar salas, salões e auditórios; distribua convites às

peessoas; não deixe de tentar todas as formas lícitas de se divulgar o evangelho. Procure chegar até às almas da melhor maneira que puder. Longe de mim esteja jogar desânimo sobre qualquer um que esteja procurando levar adiante a obra de uma maneira pública.

Todavia, acaso sua atenção não foi despertada para o fato de que precisamos mais do trabalho individual? Mais de um modo de tratar sincero, pessoal e privado com as almas? Você não acha que se tivéssemos mais “*Filipes*” teríamos também mais “*Natanaéis*”? Se tivéssemos mais “*Andrés*”, teríamos mais “*Simões*”? Tudo me leva a crer que sim. Há extraordinário poder em um sincero

apelo pessoal. Acaso você não tem visto com frequência que é após a mais formal pregação pública ter terminado, e haver iniciado a obra pessoal, que as almas são alcançadas? Então por que há tão pouco disso ultimamente? Porventura não acontece em nossas pregações públicas que, tendo sido entregue a mensagem formal, tendo sido cantado um hino e feita uma oração, todos se dispersam sem nenhuma tentativa de se fazer a obra individual? Não me refiro agora, atente bem para isto, ao pregador — que possivelmente não será capaz de atender a cada caso, mas falo do grande número de cristãos que o escutaram pregar. Viram estranhos entrando no salão, sentaram-se ao lado deles; pode

ser que notaram haver neles interesse, viram lágrimas em suas faces; e ainda assim deixaram que se fossem sem um amável esforço sequer de alcançá-los, ou de dar continuidade à boa obra.

Sei que alguém poderá dizer que é muito melhor deixar o Espírito de Deus levar adiante a Sua própria obra, e que poderíamos estar fazendo mais mal do que bem; e que, além do mais, as pessoas não gostam de ser abordadas e iriam considerar isto uma intrusão, acabando por fugir daquele local. Há muito de verdade nisto, e tenho certeza de que você também irá concordar. Temo que grandes disparates sejam cometidos por pessoas indiscretas que se intrometem na sagrada privacidade de

uma alma em profundo e santo exercício. É necessário tato e discernimento; em resumo, é preciso que haja uma direção espiritual precisa para se tratar com as almas; para se saber a quem falar e o que falar.

Mas, tendo em mente a necessidade deste cuidado em seu mais amplo aspecto, você há de concordar comigo que, de uma maneira geral, está faltando algo em nossas pregações públicas. Será que não existe falta daquele interesse profundo, pessoal e amoroso pelas almas, o qual poderia se expressar de mil maneiras diferentes, e viesse a atuar poderosamente em nossos corações? Confesso que fico, com frequência, desapontado com o que tenho notado em

nossos salões de pregação. Estranhos entram e, sozinhos, têm que encontrar um lugar vago. Ninguém parece se importar com eles. Há cristãos ali que dificilmente mexem o corpo para dar lugar aos visitantes. Não há ninguém que ofereça uma Bíblia ou um hinário. E quando termina a pregação, deixa-se que se vão assim como vieram, sem nenhuma palavra amorosa perguntando se gostaram da verdade que foi pregada; ou nem mesmo um olhar gentil com o qual se poderia ganhar a confiança do visitante e abrir caminho para uma conversa. Muito pelo contrário, há uma gélida introspecção que quase chega a repulsa.

Isso tudo é muito triste; e talvez você me

diga que, ao dar uma imagem assim, eu esteja carregando demais nas cores. Ora, a imagem apenas revela a realidade. E o que a torna mais deplorável ainda é que já é sabido que há muitos que frequentam nossas pregações e reuniões com um exercício profundo de alma e estão tão somente desejando uma oportunidade para poderem abrir seus corações para alguém que possa lhes oferecer um mínimo aconselhamento espiritual; todavia, devido à timidez, comedimento ou nervosismo, evitam tomar uma iniciativa e acabam voltando para suas casas tristes e solitários, para chorarem em seus travesseiros, por não terem encontrado ninguém que se importasse

com suas almas tão preciosas. Sinto-me persuadido que muito disso poderia ser evitado se aqueles mesmos cristãos que frequentam as pregações do evangelho estivessem mais preocupados na *busca* por almas; se eles estivessem ali não tanto para seu próprio proveito, mas para serem colaboradores de Deus em buscar e levar almas a Jesus.

Sem dúvida alguma é um grande privilégio para os cristãos escutarem o evangelho pregado de modo pleno e fiel. Mas não seria de menor refrigério se estivessem profundamente interessados na conversão de almas e fossem achados em sincera oração a Deus neste sentido. Além do mais, não iria jamais interferir no proveito pessoal que eles obtêm da

pregação, se procurassem cultivar e manifestar um interesse vivo e amoroso naqueles que os cercam, e buscassem, no final da pregação, ajudar qualquer um que precisasse e quisesse ser ajudado. É surpreendente o efeito que é produzido, no pregador, na pregação e em todas as pessoas, quando os cristãos presentes encontram-se verdadeiramente assumindo e exercendo sua elevada e santa responsabilidade para com Cristo e para com as almas. Isto dá um tom diferente à pregação e produz uma atmosfera peculiar que só pode ser entendida quando experimentada, mas que, uma vez experimentada, dificilmente será deixada de lado.

Mas, oh, como é comum acontecer o

contrário! Quão frio, quão maçante, quão desalentador para o espírito é vermos toda a congregação se dispersar tão logo acaba a pregação! Nenhum grupo amoroso procurando gastar tempo ao redor dos novos convertidos ou de pessoas ansiosas e cheias de dúvidas. Cristãos experientes presentes ali que, ao invés de ficarem mais algum tempo esperançosos de que Deus possa usá-los, graciosamente, para falar uma palavra oportuna ao cansado, saem a toda pressa como se fosse uma questão de vida ou morte chegarem em casa à uma hora determinada.

Não pense que eu tenha o desejo de estabelecer regras para meus irmãos. Longe de mim tal pensamento. Desejo

meramente, na maior liberdade possível, pôr para fora os pensamentos que tenho em meu coração, compartilhando-os com alguém dedicado à obra do evangelho. Estou convencido de que está faltando algo. Tenho a firme convicção de que nenhum cristão estará em boas condições se não estiver procurando, de um modo ou de outro, levar almas a Cristo. E, com base no mesmo princípio, nenhuma assembleia de cristãos estará em boas condições se não for uma assembleia inteiramente evangelística. Todos nós deveríamos estar à procura de almas; e então iríamos descansar assegurados de ver almas transformadas, como resultado disso. Mas se ficamos satisfeitos em seguir adiante, semana

após semana, mês após mês, e ano após ano, sem que vejamos nem mesmo uma folha cair, sem uma única conversão, nosso estado de espírito deve estar verdadeiramente lamentável.

Mas penso estar ouvindo você dizer: Onde estão todas as passagens bíblicas a respeito? Onde estão os muitos exemplos encontrados nos Evangelhos e em Atos? Bem, acho que segui anotando os pensamentos que por muito tempo têm ocupado minha mente; e agora me falta espaço para ir mais além. Mas escreverei uma segunda carta sobre o assunto. Enquanto isso, que o Senhor possa, pelo Seu Espírito, nos tornar mais desejosos de procurar a salvação das almas imortais, usando todo e

qualquer meio lícito ao nosso alcance. Que nossos corações possam estar cheios de genuíno amor pelas almas preciosas, e, então, certamente encontraremos os meios de as alcançarmos!

SEGUNDA CARTA — O Espírito Santo

HÁ ALGO que está ligado ao nosso assunto e que há muito tem ocupado meu pensamento: a imensa importância de se cultivar uma fé genuína na presença e ação do Espírito Santo. Queremos sempre lembrar que nada podemos fazer, e que Deus, o Espírito Santo, pode fazer tudo. O versículo, *“Não por força nem por violência, mas pelo Meu*

Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Jr 4:6), vale tanto para a grande obra de evangelização, como para tudo mais. Uma percepção constante disso nos manteria humildes e, ainda assim, cheios de alegre confiança. Humildes, pois nada podemos fazer; cheios de alegre confiança, porque Deus pode fazer tudo. Além do mais, teria o efeito de nos manter bem sóbrios e quietos em nosso trabalho — não frios e indiferentes, mas calmos e sérios, o que, por si só, já é um grande tema para ser tratado aqui.

Fiquei bastante impressionado com uma afirmação que foi feita por um idoso obreiro, pouco tempo atrás, em uma carta a alguém que acabava de entrar no campo de trabalho. Ele dizia que

“entusiasmo não é poder, mas fraqueza; fervor e energia provêm de Deus”. Isto é uma grande verdade, e de grande valor também. Mas gosto de tomar ambas as sentenças juntas. Se as separássemos, creio que tanto eu como você iríamos preferir a última; e por esta razão temo que existam muitos que considerariam como sendo “excitação”, aquilo que você e eu na verdade consideraríamos como “*fervor e energia*”. Devo agora confessar que gosto muito quando vejo um profundo fervor na obra. Não posso imaginar de que modo alguém, que entenda, em qualquer medida, o quão terrível é a eternidade e a condição daqueles que morrem em seus pecados, possa se portar de outro modo que não

seja estar profunda e completamente imerso em fervor. Como pode alguém pensar em uma alma imortal, à beira do inferno e correndo o perigo de a qualquer momento ser ali lançada, sem ter um sentimento de seriedade e fervor?

Mas isso não é excitação. Entendo por excitação uma ação da mera natureza, liberando os esforços que ela possui para produzir na própria natureza, e sempre de modo extremo, coisas que não passam de sensações. É tudo em vão e se evanesce. E não apenas isto, mas é de grande incentivo à fraqueza. Jamais encontramos qualquer sinal disso no ministério de nosso bendito Senhor, ou no de Seus apóstolos; e, no entanto, quanto fervor havia! Quanto de

infatigável energia! Quanta ternura! Encontramos um fervor que parecia sempre acompanhá-los; uma energia que dificilmente se permitia um momento de descanso ou refrigério; e uma ternura que podia chorar por pecadores impenitentes. Vemos tudo isso; mas não encontramos excitação. Em suma, era tudo o fruto do Espírito Eterno; e era tudo para a glória de Deus. E mais, estava sempre presente aquela calma e solenidade que convém à presença de Deus, aliada àquele profundo fervor que denotava que a séria condição em que se encontra o homem era perfeitamente compreendida.

E é precisamente isto, querido irmão, o que almejamos e procuramos

diligentemente cultivar. Trata-se de uma grande misericórdia sermos guardados de tudo aquilo que não passa de excitação natural, e, ao mesmo tempo, estarmos devidamente impressionados pela magnitude e solenidade da obra. Desta forma o pensamento será mantido em um equilíbrio adequado e seremos guardados de toda tendência de ficarmos ocupados com *nossa* obra meramente por ser nossa. Deveríamos estar nos regozijando por Cristo ser magnificado e almas serem salvas, não importando o instrumento usado para isso.

Ultimamente tenho pensado bastante naquela época memorável, há exatamente dez anos, quando o Espírito de Deus operou tão maravilhosamente

na província de Ulster. Acredito ter adquirido uma valiosa experiência por meio daquilo que chegou ao meu conhecimento. Foi uma época para nunca mais ser esquecida por aqueles que tiveram o privilégio de testemunhar a magnífica onda de bênção que se derramou sobre a região. Faço referência a isto aqui em relação à ação do Espírito. Mas não tenho dúvidas de que, em 1859, o Espírito Santo foi entristecido e encontrou obstáculos colocados pela interferência humana. Você está lembrado de como aquela obra começou. Você deve lembrar-se daquela pequena sala de aulas à beira da estrada onde dois ou três homens reuniram-se, semana após semana, para

derramar seus corações em oração a Deus, a fim de que Ele Se agradasse em interferir na morte e nas trevas que prevaleciam ao redor: e que Ele reavivasse Sua obra e derramasse a Sua luz e verdade em poder para conversão. Você está ciente de como aquelas orações foram ouvidas e respondidas. Eu e você tivemos o privilégio de participar daquelas cenas comoventes que tiveram lugar na província de Ulster; e não tenho dúvidas de que a lembrança delas ainda esteja viva em sua memória, como acontece comigo até hoje.

Bem, qual era o caráter especial daquela obra no início? Acaso não estava mais do que evidente de que se tratava de

uma obra do Espírito de Deus, O qual levantou e usou instrumentos, ainda que dos mais impróprios e despreparados segundo o modo humano de julgar, para o cumprimento de Seu gracioso propósito? Porventura não nos lembramos dos modos e do caráter daqueles que foram mais usados na conversão das almas? E acaso não eram eles, em sua maioria, “*homens sem letras e indoutos*”? E, mais ainda, não nos recordamos claramente do fato de que havia o mais voluntário desejo de se deixar de lado toda e qualquer rotina oficial e organização humana? Trabalhadores vinham dos campos, das fábricas e dos escritórios para pregar a auditórios lotados; e pudemos

testemunhar centenas de pessoas com a respiração suspensa de interesse pelo que saía dos lábios de homens que eram incapazes de falar cinco palavras gramaticalmente corretas. Em suma, a poderosa corrente de vida e poder espiritual se derramou sobre nós, descartando, na ocasião, uma grande parte do engenho humano e ignorando todas as questões da autoridade humana nas coisas de Deus e no serviço de Cristo.

Podemos agora nos lembrar de que, enquanto o Espírito Santo foi reconhecido e honrado, a gloriosa obra prosseguiu; e que, por outro lado, na mesma proporção em que o homem se intrometeu, fazendo alarido de sua

própria importância, e invadindo os domínios do Espírito Eterno, a obra foi impedida de seguir adiante e acabou feita em pedaços. Vi a verdade disto em inúmeros casos. Houve um vigoroso esforço para obrigar a água viva a correr nos canais oficiais e denominacionais, e isso era algo que o Espírito Santo não iria sancionar. Além do mais, havia um forte desejo, manifestado em várias partes, de dar ao bendito movimento uma importância sectária, e o Espírito Santo ficou ressentido com isso.

E não parou por aí. Em toda parte a obra e os obreiros foram transformados em *atração*. Casos de conversão considerados comoventes passaram a

ser usados como propaganda e eram alardeados nos jornais e revistas.

Viajantes e turistas vinham de todas as partes para visitar essas pessoas, tomavam notas de suas palavras e da sua maneira de viver e espalhavam seu relato aos quatro cantos da terra. Muitas pobres criaturas, que até então haviam vivido no anonimato, desconhecidas e despercebidas, acharam-se, de repente, como objetos do interesse de ricos, nobres e do público em geral. O púlpito e a imprensa proclamavam suas palavras e seus feitos; e, como era de se esperar, tais pessoas acabaram perdendo completamente o equilíbrio. Houve abundância de hipócritas e oportunistas. Dar testemunho de alguma

experiência exótica e extravagante, ou poder relatar sonhos e visões extraordinárias, passaram a ser coisas consideradas esplêndidas. E mesmo onde esse imprudente modo de agir não conseguia gerar oportunismo e hipocrisia, os novos convertidos tornavam-se soberbos e cheios de si, olhando com certa medida de desprezo para aqueles que eram cristãos há mais tempo, ou para os que não tinham se convertido da mesma maneira peculiar.

Somando-se a isso tudo, alguns homens famosos pela má reputação, e que pareciam convertidos, eram levados de um lugar ao outro e anunciados em cada esquina, onde multidões eram reunidas para vê-los e escutar suas histórias;

histórias essas que eram, com muita frequência, relatos horríveis, cheio de detalhes de imoralidades e transgressões tais como nunca deveriam ser mencionadas. Muitos desses homens famosos acabaram depois largando tudo e voltando com maior ardor às suas práticas do passado.

Essas coisas eu testemunhei em vários lugares. Creio que o Espírito Santo foi entristecido e encontrou obstáculos, e a obra, daí em diante, acabou sendo desfigurada. Estou plenamente convencido de uma coisa, e esta é que acredito que deveríamos buscar com sinceridade honrar o bendito Espírito; confiar nele em todo nosso trabalho; seguir para onde quer que Ele nos guie,

e não sair correndo na frente. Sua obra permanecerá: “*Tudo quanto Deus faz durará eternamente*”. (Ec 3:14) É Ele Quem tudo faz. Se tivermos isto em mente, nossas ideias serão bem equilibradas.

Há um grande perigo de jovens obreiros tornarem-se tão entusiasmados com *sua* obra, *sua* pregação, *seus* dons, a ponto de acabarem perdendo de vista o próprio Bendito Mestre. Além disso, acabam fazendo da pregação o *fim* ao invés do *meio*. Isso é ruim em todos os aspectos. Prejudica a eles próprios e desfigura seu trabalho. A partir do momento em que faço da pregação o fim, estou fora da corrente do pensamento de Deus, cujo fim é glorificar a Cristo; e

estou fora da corrente do coração de Cristo, cujo fim é a salvação de almas, e a plena bênção de Sua Igreja. Mas onde quer que o Espírito Santo encontre o Seu lugar de direito, onde quer que seja devidamente reconhecido, e nele se confie, tudo estará bem. Não haverá exaltação do homem; não se fará alarde da importância de cada um; não se fará um espetáculo dos frutos da obra; não haverá excitação. Tudo será calmo, quieto, real e despretensioso. Haverá uma espera em Deus, a qual será simples, sincera, confiante e paciente. O ego ficará encoberto; Cristo será exaltado.

Sempre me recordo de uma frase sua; algo que me disse: *“O céu será o*

melhor e mais seguro lugar para ouvirmos falar dos resultados de nosso trabalho". Trata-se de uma palavra salutar para todos os obreiros.

Estremeço quando encontro os nomes de servos de Cristo sendo notícia de jornais, com alusões lisonjeiras ao seu trabalho e aos seus frutos. Certamente aqueles que escrevem tais artigos deveriam refletir no que estão fazendo: deveriam considerar que estão alimentando exatamente aquilo que deveriam desejar ver mortificado e vencido. Estou por demais persuadido de que o caminho quieto, obscuro e retirado é o melhor e mais seguro para o obreiro cristão. Um caminho assim não o tornará menos fervoroso, pelo

contrário; não porá obstáculos à sua energia, mas irá aumentá-la e intensificá-la. Que Deus não permita que eu nem você venhamos a escrever uma linha, ou fazer uma afirmação sequer, que possa, ainda que da forma mais remota, desencorajar ou limitar algum obreiro na vinha de Cristo. Não; não, este não é o momento para algo assim. Queremos ver os obreiros do Senhor seguindo com fervor; mas cremos sinceramente que o verdadeiro fervor será sempre o resultado da mais absoluta dependência no Espírito Santo de Deus.

Mas veja só você como acabei indo longe! E até agora não me referi às passagens das Escrituras que mencionei

em minha carta anterior. Bem, mui amado no Senhor, sei que estou me dirigindo a alguém que está bem familiarizado com os Evangelhos e com o livro de Atos, e que, portanto, conhece o grande Obreiro pessoalmente, e todos os que buscaram seguir Suas benditas pegadas, reconheceram e se submeteram ao Espírito Eterno como sendo Aquele por meio de Quem seus trabalhos eram executados.

Devo agora terminar por aqui, meu mui amado irmão e colaborador; e o faço de todo o coração, encomendando você, em espírito, alma e corpo, Àquele que nos amou e nos lavou de nossos pecados em Seu próprio sangue, e que nos chamou para o honroso posto de obreiros em

Seu campo evangelístico. Que ele possa abençoar a você e sua família abundantemente, e aumentar mil vezes mais sua utilidade em Suas mãos!

TERCEIRA CARTA — A Palavra de Deus

HÁ ALGO que também está intimamente ligado ao assunto de minha última carta; trata-se do lugar que a Palavra de Deus ocupa na obra de evangelização. Em minha última carta, como você se recordará, me referi à obra do Espírito Santo, e à imensa importância de se dar a Ele o lugar apropriado. É desnecessário mostrar com que clareza a preciosa Palavra de Deus está ligada à ação do Espírito Santo. Ambos estão

inseparavelmente ligados naquelas memoráveis palavras de nosso Senhor a Nicodemos — palavras estas tão pouco compreendidas — tão mal interpretadas: “Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”. (Jo 3:5)

Tanto eu como você entendemos claramente que na passagem acima a Palavra está sendo representada, em figura, como “*água*”. Graças a Deus, não estamos dispostos a dar nenhum crédito ao absurdo ritualismo da regeneração batismal. Acredito que já estamos mais que convencidos de que ninguém jamais recebeu, recebe ou receberá, vida pela água do batismo. Concordamos plenamente que todos

aqueles que creem em Cristo devem ser batizados; mas isto é algo totalmente diferente do erro fatal que troca a morte expiatória de Cristo, o poder regenerador do Espírito Santo, e as virtudes provedoras de vida que tem a Palavra de Deus, por uma ordenança. Não vou perder nem o seu tempo e nem o meu em combater esse erro, mas vou simplesmente partir do ponto que você concorda comigo em pensar que, quando nosso Senhor fala de alguém “*nascer da água e do Espírito*”, Ele Se refere à Palavra e ao Espírito Santo. (Compare com Efésios 5:26)

Assim sendo, a Palavra é o grande instrumento a ser utilizado na obra de evangelização. Muitas passagens das

Sagradas Escrituras afirmam isso com tal clareza e determinação ao ponto de não restar o que quer que seja para ser discutido. No primeiro capítulo de Tiago, versículo 18, lemos: “*Segundo a Sua vontade Ele nos gerou pela Palavra da verdade*”. Também em 1 Pedro 1:23, 25, lemos: “*Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela Palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre... E esta é a Palavra que entre vós foi evangelizada*”.

Esta última cláusula é de indizível valor para o evangelista. Ela o obriga, da forma mais clara, a ter a Palavra de Deus como o instrumento — o único instrumento — o todo-suficiente

instrumento, a ser utilizado em sua gloriosa obra. Ele deve dar a Palavra às pessoas; e quanto mais simples a maneira em que o fizer, melhor será. A água pura deve ser deixada fluir livremente do coração de Deus para o coração do pecador, sem receber qualquer coloração, ou influência, do canal pelo qual ela flui. O evangelista deve pregar a Palavra; e deve pregá-la em simples dependência do poder do Espírito Santo. É este o verdadeiro segredo do sucesso na pregação.

Todavia, enquanto dou ênfase a este grande ponto cardeal na obra da pregação — e creio que nunca é demais frisá-lo bem — estou bem longe de pensar que o evangelista deva dar aos

seus ouvintes um grande volume de verdade. Muito pelo contrário, considero isto um grande equívoco. O evangelista deve deixar isto para aquele que ensina, aquele que expõe a Palavra ou para o que pastoreia. Temo que com frequência uma grande parte de nossa pregação passa por sobre as cabeças das pessoas, devido ao fato de preferirmos desdobrar a verdade a alcançar as almas. Pode ser que descansemos satisfeitos depois de termos dado uma palavra de impacto, uma exposição bem interessante e instrutiva das Escrituras, algo de grande valor para o povo de Deus; mas o ouvinte inconverso ficou ali sentado sem ser tocado, sem ser alcançado, sem ser

impressionado. Não continha nada para ele. O que falou esteve mais preocupado com sua explanação do que com o pecador — esteve mais absorvido com seu assunto do que com a alma.

Assim, estou plenamente convencido de que isto é um sério erro, e um erro tal que todos nós — ou pelo menos eu — somos muito propensos a cometer. Considero este um erro deplorável, e desejo sinceramente evitar cometê-lo. Fico a pensar se não é neste erro que está o verdadeiro segredo de não sermos bem sucedidos. Mas talvez eu não devesse dizer *nosso* erro, mas sim *meu* erro. Não creio — pelo menos até onde conheço o seu ministério — que você possa ser acusado do defeito a que

acabo de me referir. Neste caso, como em tudo mais, você será o seu melhor juiz; mas de uma coisa eu estou certo: o mais bem sucedido evangelista é aquele que mantém o seu olho fixo no pecador; aquele que tem seu coração inclinado para a salvação das almas, sim, aquele a quem o amor para com as almas preciosas é tanto que chega a ser uma paixão. Não é o homem que explica a maior verdade, mas o que almeja mais pelas almas, que terá as melhores credenciais para seu ministério.

Afirmo isso tudo, entenda bem, em total e inequívoco reconhecimento à afirmação que fiz no início desta carta, ou seja, que a Palavra é o grande instrumento na obra da conversão. Isto é

algo que nunca pode ser perdido de vista; que nunca pode ser diminuído de seu valor. Não importa qual o arado usado para fazer o sulco, ou de que maneira a Palavra possa vir vestida, ou por qual veículo ela possa ser transportada; é somente pela “Palavra da verdade” que as almas são conquistadas.

É tudo divinamente verdadeiro, e deveríamos sempre ter isso em mente. Mas, acaso não encontramos com frequência que aqueles que se propõem a pregar o evangelho (particularmente se continuam sempre no mesmo lugar) são inclinados a abandonar os domínios do evangelista — domínios estes dos mais benditos! — e invadir o terreno do que

ensina ou explica a Palavra? Isto é algo que desaprovo e deploro ao extremo. Sei que tenho errado nisto, e lamento pelo erro. Escrevo em total liberdade para confessar que ultimamente o Senhor tem aprofundado imensamente em minha alma o senso da vasta importância da sincera pregação do evangelho. Deus não permita que, fazendo assim, eu venha a considerar de menor importância o trabalho do mestre ou do pastor. Creio que onde quer que haja um coração que ame a Cristo, ele se deleitará em alimentar e cuidar dos preciosos cordeiros e ovelhas do rebanho de Cristo, o rebanho que Ele comprou com Seu próprio sangue.

Mas as ovelhas devem ser reunidas

antes que possam ser alimentadas; e como podem ser reunidas senão pela fervorosa pregação do evangelho? O grande negócio do evangelista é ir até as tenebrosas montanhas do pecado e do erro, a fim de soar a trombeta do evangelho e reunir as ovelhas; e sinto-me convencido de que fará melhor o seu trabalho, não pela elaborada explanação da verdade; não por explicações claras, valiosas e instrutivas; não por cuidadosas explicações da verdade profética, dispensacional ou doutrinária — por mais preciosas e importantes que sejam quando em seu devido lugar — mas por uma ocupação fervorosa, direta e sincera com as almas imortais; com uma voz de aviso, com um apelo solene,

com uma argumentação fiel da justiça, da temperança e do juízo vindouro — com uma alarmante apresentação da morte e do juízo, das terríveis realidades da eternidade, “onde seu bicho não morre, e o fogo nunca se apaga”.

Em suma, me comove o fato de que precisamos pregadores que despertem seus ouvintes. Admito plenamente que exista algo como *ensinar* o evangelho, tanto quanto existe o *pregar* o evangelho. Por exemplo, encontro Paulo ensinando o evangelho em Romanos, do capítulo 1 ao 7, tanto quanto o encontro pregando o evangelho em Atos 13 ou 17: Trata-se de algo de grande importância em todas as épocas, ainda mais quando

se tem quase certeza de que existe um grande número de pessoas que costumamos chamar de “*almas exercitadas*” em nossas pregações públicas, e pessoas assim precisam de um evangelho que as torne emancipadas — o completo, claro e elevado evangelho da ressurreição.

Mas, embora admitindo isso tudo, continuo a crer que o que é necessário para uma bem sucedida evangelização é, não tanto o volume de verdade, mas sim um intenso amor pelas almas. Veja o eminente evangelista George Whitefield.* Qual você acha que era o segredo de seu sucesso? Não tenho dúvida de que você já tenha lido seus sermões. Porventura encontrou neles

alguma grande amplitude de verdade? Duvido. No entanto devo dizer que fiquei impressionado justamente pelo contrário. Mas oh! havia algo em Whitefield que tanto eu como você devemos cobiçar e ter o desejo de cultivar. Havia um amor ardente pelas almas — uma sede pela sua salvação — um poderoso corpo-a-corpo com a consciência — uma argumentação clara, sincera e face-a-face com os homens acerca de seus caminhos passados, sua condição atual e seu destino futuro. Havia tudo aquilo com que Deus concordaria e abençoaria; e Ele continuará ainda concordando e abençoando as mesmas coisas.

*[*Nota do Tradutor: Convertido em 1735,*

George Whitefield (1714-1770) começou a pregar ao ar-livre em 1739: Seu trabalho esteve voltado à pregação do evangelho na Inglaterra e Estados Unidos, ao cuidado do orfanato que fundou.]

Estou persuadido — e escrevo isto diante de Deus — de que se nossos corações estiverem inclinados à salvação de almas, Deus nos usará nessa divina e gloriosa obra. Mas se, por outro lado, nos entregarmos às debilitantes influências de um fatalismo frio, cruel e ímpio; se nos contentarmos com uma apresentação formal e oficial do evangelho — algo bem desanimado; se, para usarmos de uma expressão vulgar, nossa pregação for do tipo “*é pegar ou largar*”, não será surpresa

nenhuma se não houver conversões. Seria surpreendente, isto sim, se as tivéssemos.

Não, não podemos ser assim; creio que devemos olhar com seriedade para este assunto de tão grandes consequências. Ele exige uma consideração solene e imparcial de todos os que estejam engajados na obra. Há perigos de todos os lados. Há opiniões contraditórias de todos os lados. Mas não podemos conceber como é que algum cristão possa ficar satisfeito em esquivar-se da responsabilidade sair em busca de almas. Alguém pode dizer: *“Não sou um evangelista; não é minha área; estou mais para mestre ou pastor”*. Bem, entendo o que quer dizer; mas será que

alguém poderia me mostrar que um mestre ou pastor não deva sair fervorosamente buscando pelas almas? Não posso aceitar tal recusa nem por um momento sequer.

E mais, não tem a mínima importância qual seja o dom de alguém, ou mesmo se for o caso de não possuir nenhum dom que se destaque; todavia, ainda assim ele pode e deve cultivar um sincero desejo pela salvação das almas. Seria correto passar por uma casa em chamas sem darmos um grito de aviso, ainda que não fôssemos do Corpo de Bombeiros? Será que não deveríamos procurar salvar um homem se afogando, ainda que não fôssemos salva-vidas? Quem, de boa mente, seria vil ao ponto de

discordar disso? Portanto, no que diz respeito às almas, não é tão necessário um dom ou um conhecimento da verdade, quanto um profundo e fervoroso interesse pelas almas — um agudo senso do perigo que correm, e um desejo de que sejam resgatadas.

QUARTA CARTA — A Oração

QUANDO PEGUEI a caneta para dirigir-me a você em minha primeira carta, não fazia ideia de que teria oportunidade de estender o assunto até uma quarta carta. De qualquer maneira, o assunto me é de grande interesse; e há só mais dois ou três pontos que desejo tratar rapidamente.

Em primeiro lugar, sinto profundamente

a falta que há em nós de um espírito apto a fazer continuamente a obra de evangelização. Já me referi à obra do Espírito; e também ao lugar que a Palavra de Deus deve sempre ocupar; mas me surpreende o fato de que somos muito deficientes quando se trata de uma fervorosa, perseverante e confiante oração. É este o verdadeiro segredo do poder. “Nós”, disse o apóstolo, *“perseveraremos na oração e no ministério da Palavra”*. (At 6:4)

A ordem é esta: *“Oração”* e *“ministério da Palavra”*. A oração traz à tona o poder de Deus; e é isto o que queremos, não o poder da eloquência, mas o poder de Deus; e isto nós só podemos obter mantendo-nos em

dependência dele. *“Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão. Mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias: correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.”* (Is 40:29-31).

Ao que me parece, somos muito mecânicos na obra, se é que posso usar esta palavra para me expressar. Queremos terminar logo o serviço. Temo imensamente que alguns de nós estejamos mais apoiados nos pés do que nos joelhos; passando mais tempo nos vagões dos trens do que na intimidade

de seus dormitórios; mais nas estradas do que no santuário; mais com homens do que com Deus. Isso não funciona. É impossível que nossa pregação possa ser marcada pelo poder e coroada com resultados, se falharmos em depender de Deus. Veja o próprio Bendito Senhor — aquele grande Obreiro. Veja com que frequência Ele era encontrado em oração. Em Seu batismo; em Sua transfiguração; antes da escolha e da missão dos doze. Em resumo, vez após outra nós encontramos aquele Bendito Ser em atitude de oração. Numa ocasião Ele acorda bem antes do sol nascer para Se entregar à oração. Noutra, passa a noite toda em oração por ter dedicado o dia ao trabalho.

Que exemplo é para nós! Possamos nós segui-lo! Possamos conhecer um pouco mais do que é agonizar em oração. Quão pouco nós conhecemos disso! Falo por mim mesmo. Às vezes me parece que ficamos tão ocupados com os compromissos de pregar que não temos tempo para a oração — não temos tempo para o trabalho na privacidade — não temos tempo para ficarmos a sós com Deus. Envolvemo-nos em um turbilhão de trabalho público; corremos de um lugar para outro, de uma reunião para outra, em um estado de alma árido e alheio à oração. Será que é de se espantar que haja pouco resultado? E como é que poderia ser diferente quando falhamos tanto em depender de Deus?

Nós não podemos converter as almas
— só Deus pode fazê-lo; e se seguimos
adiante sem esperar nele, se deixamos
que a pregação pública remova do seu
lugar a oração a sós com Deus, podemos
ficar bem certos de que nossa pregação
acabará sendo árida e inútil. Devemos
verdadeiramente “*perseverar na*
oração”, se quisermos ser bem
sucedidos no “*ministério da Palavra*”.

E não é só isso. Não se trata apenas de
estarmos falhando na santa e bendita
prática da oração a sós. Isto,
infelizmente, também é uma verdade,
como já o dissemos. Mas há algo mais
além disso. Falhamos em nossas
reuniões públicas de oração. Nelas a
grande obra de evangelização não é

suficientemente lembrada. Não é ali colocada com fervor, diligência e constância diante de Deus. É, às vezes, apresentada de uma maneira formal e costumeira, para ser então esquecida. Verdadeiramente, sinto que, de um modo geral, há uma grande falta de fervor e perseverança em nossas reuniões de oração, não só no que diz respeito à obra do evangelho, mas também em outros assuntos. Há, com frequência, muito formalismo e debilidade. Não parecemos ser homens imersos em fervor. Falta-nos aquele espírito que tinha a viúva em Lucas 18, a qual venceu o juiz injusto apenas com a força de sua importunação. Parece que nos esquecemos de que estamos ali para

rogarmos a Deus, e que Ele é galardoador daqueles que diligentemente O buscam.

De nada vale alguém dizer: *“Deus pode agir sem nossas fervorosas petições; Ele cumprirá os Seus propósitos; Ele reunirá os que Lhe pertencem”*.

Sabemos disso tudo; mas sabemos também que Ele, que determinou o fim, também determinou os meios; e se falharmos em depender dele, então Ele usará outros para fazer a Sua obra. A obra será feita, sem dúvida alguma, mas perderemos a dignidade, o privilégio e a recompensa do trabalho. Será que isso não tem nenhum valor? Será que é algo de pouca importância sermos privados do doce privilégio de colaborarmos com

Deus, de termos comunhão com Ele na bendita obra que está executando? Ah, quão triste é darmos tão pouco valor a isso! Que possamos dar o valor devido; e é provável que existam poucas coisas mais em que possamos experimentar o mesmo privilégio de numa fervorosa e unida oração. É algo em que todos os santos podem estar engajados. É algo a que todos podem acrescentar um sincero Amém. Nem todos podem ser pregadores, mas todos podem orar — todos podem se engajar na oração; todos podem ter comunhão nisso.

Porventura você não observa, querido irmão, que há sempre uma torrente de bênção profunda e verdadeira onde *a assembleia* se encontra mergulhada em

fervorosa oração pelo evangelho e pela salvação das almas? Tenho visto invariavelmente isto, e é verdadeiramente uma fonte de indizível conforto, gozo e encorajamento para meu coração encontrar a assembleia envolvida na oração, pois quando é assim, tenho certeza, Deus dá copiosas chuvas de bênçãos.

Além do mais, quando é este o caso, quando este espírito dos mais excelentes prevalece em toda a assembleia, pode estar certo de que não se terá problemas com o que se costuma chamar de “responsabilidade pela pregação”. Poderão ser sempre os mesmos a fazer o trabalho, desde que seja feito da melhor maneira possível. Se uma assembleia

estiver esperando em Deus, em fervorosa intercessão pelo progresso da obra, não importará muito saber quem se responsabilizará pela pregação, desde que Cristo seja pregado e almas abençoadas.

Há ainda uma coisa mais que tem ocupado bastante o meu pensamento ultimamente; trata-se do modo como tratamos os recém-convertidos. Sem dúvida alguma, há uma imensa necessidade de cuidado e cautela, para não sermos achados ocupados com aquilo que nada tem de um fruto genuíno da obra do Espírito de Deus. Há nisto um perigo muito grande. O inimigo está sempre buscando introduzir material espúrio na assembleia, a fim de estragar

o testemunho e trazer descrédito à verdade de Deus.

Isso tudo é algo bem real que deve merecer nossa séria consideração. Todavia, será que você não concorda, amado irmão, que com muita frequência caímos no outro extremo? Acaso não é comum jogarmos água fria sobre os recém-convertidos, ainda que o façamos com um estilo formal e peculiar? E será que não expressamos, em nosso espírito e conduta, uma certa repulsa pelos novos convertidos? Achamos que os que acabam de se tornar cristãos devem possuir um padrão de inteligência espiritual que levamos anos para alcançar. E não apenas isto, mas às vezes os colocamos sob um processo de

exame que só leva à hostilidade e ao embaraço.

É evidente que isso não está certo. O Espírito de Deus jamais iria confundir, embaraçar ou repelir uma alma que viesse com dúvidas sinceras — o Espírito nunca faria isso; jamais. Tal procedimento nunca poderia estar em conformidade com o pensamento ou o coração de Cristo; Ele nunca iria jogar água fria nem mesmo na mais débil ovelha de todo o Seu rebanho, o qual foi comprado com sangue. Ele gostaria que as guiássemos, levando-as adiante de modo gentil e terno — que as tranquilizássemos, alimentássemos e cuidássemos delas, tudo em conformidade com o profundo amor do

Seu coração. É algo de grande importância deixar de lado o nosso ego e nos mantermos abertos para discernir e apreciar a obra de Deus nas almas, e não as embarçarmos colocando nossos próprios caprichos e pedras de tropeço em seu caminho. Necessitamos do auxílio e da direção divina neste assunto, tanto quanto em qualquer outra área de nosso trabalho. Mas, bendito seja Deus, Ele é suficiente tanto para isto, como para tudo o mais. Apenas confiemos nele: juntemo-nos a Ele e façamos uso de Seu inesgotável tesouro, disponível para cada caso que surgir, para a necessidade de cada momento. Ele nunca decepcionará um coração confiante, esperançoso e dependente.

Devo agora terminar esta série de cartas. Acho que já cobri, senão todos, pelo menos a maioria dos pontos que tinha em mente. Estou certo, amado no Senhor, de que você estará sempre ciente de que nestas cartas procurei simplesmente apresentar breves anotações daquilo que penso, usando de total liberdade e com toda a intimidade de uma amizade de verdadeiros irmãos. Não escrevi um tratado formal, mas tão somente derramei meu coração a um amado amigo e obreiro juntamente comigo. E todos os que leem estas cartas devem ter o mesmo em mente.

Que Deus possa abençoá-lo e guardá-lo, querido irmão. Que Ele possa coroar seus trabalhos com Sua mais rica e

melhor bênção! Que Ele possa guardá-lo de toda obra má, e preservá-lo para o Seu reino eterno!

QUINTA CARTA — Obra de Literatura

PARECEU-ME necessário escrever a você uma vez mais para tratar de alguns assuntos ligados à obra de evangelização, os quais ultimamente vêm chamando minha atenção. Há três ramos distintos da obra que gostaria de ver ocupando um lugar claro e de maior proeminência entre nós. Estou me referindo à obra de literatura, à pregação do evangelho e à escola dominical.

Surpreende-me ver que o Senhor está

despertando as atenções para a importância da obra de literatura como um valioso meio na obra de evangelização; mas me pergunto se estamos envolvidos nisso com toda a seriedade. Por que digo isto? Será que os livros e folhetos não nos interessam mais e perderam seu valor aos nossos olhos? Ou será que a falta está na maneira como é conduzida a obra de literatura? Em minha opinião parece estar faltando algo no que se refere a este último ponto.

Gostaria muito de ver um depósito de literatura bem administrado em cada cidade; por “bem administrado” eu entendo algo que é assumido e levado adiante como um serviço direto ao

Senhor, em sincero amor para com as almas; em profundo interesse pela disseminação da verdade e, ao mesmo tempo, como uma boa empresa. Já vi vários depósitos de literatura desmoronarem por faltar habilidade para negócios em seus responsáveis. Pareciam pessoas bem fervorosas e sinceras, mas incapazes de conduzir um negócio. Em suma, eram pessoas em cujas mãos qualquer empresa teria ido à falência. Por esta razão, em muitos lugares há um fracasso dos mais deploráveis nesta tão valiosa e interessante obra que é cuidar de um depósito de literatura.

E qual a melhor maneira de alcançar as pessoas para as quais os folhetos e

livros são preparados? Creio que é tendo os livros e folhetos expostos para a venda em vitrines, onde quer que isto seja possível, a fim de que as pessoas possam vê-los quando passarem e, parando, possam entrar e comprar o que quiserem. Muitos foram alcançados desta maneira. Não tenho dúvidas de que muitos foram salvos e abençoados por meio de folhetos que foram vistos pela primeira vez em uma vitrine ou expostos sobre um balcão. Mas onde não existe essa possibilidade, é natural que o salão de reuniões da assembleia seja o depósito de literatura.

Existe claramente uma real necessidade de um depósito de literatura em cada grande cidade, dirigido por alguém que

tenha jeito para negócios e que seja capaz de conversar com as pessoas acerca dos folhetos, podendo recomendar aquilo que possa ser de auxílio àqueles que ansiosamente procuram pela verdade. Sinto que há muita coisa boa que pode ser feita nesta área. Os cristãos da cidade poderiam saber onde ir buscar folhetos, não só para sua leitura pessoal, mas também para distribuição. Certamente, se há alguma coisa digna de ser feita, é digna de ser bem feita; e se isto não se aplicar à obra de literatura, não sei a que se aplicará.

A obra de literatura deve ser levada adiante como um serviço feito diretamente para Cristo. E tenho certeza

de que onde quer que ela seja assim conduzida, em energia, zelo e integridade, o Senhor a honrará e fará dela uma bênção. Será que não há ninguém que queira assumir esta obra tão abençoada, não por causa da remuneração, mas por causa de Cristo? Será que não há ninguém que queira se dedicar a ela numa fé singela, esperando no Deus vivo?

Aqui está a raiz da questão, querido irmão. Pois neste ramo da obra, assim como em cada outro ramo, necessitamos daqueles que confiem em Deus e que se neguem a si mesmos. Parece-me que seria um grande ponto a favor da obra de literatura se esta fosse colocada no seu devido lugar e vista como uma parte

integral do trabalho evangelístico; assumida com responsabilidade para com o Senhor, e levada adiante na energia da fé no Deus vivo. Cada ramo da obra do evangelho — a obra de literatura, a pregação, a escola dominical — deve ser levado adiante desta maneira. É bom e saudável contarmos com comunhão — completa e cordial comunhão, em todo o nosso serviço; mas se ficarmos esperando por comunhão e cooperação para podermos começar uma obra, que tanto está dentro da esfera da responsabilidade pessoal quanto coletiva, vamos acabar ficando para trás — ou é provável que a obra nem mesmo seja feita.

Devo ter oportunidade de voltar a tratar

mais detalhadamente sobre este ponto, quando passar a escrever sobre a pregação e a escola dominical. Tudo o que desejo até aqui é deixar claro o fato de que a obra de literatura é um ramo, e um ramo de grande importância e eficiência, da obra evangelística. Se isto for plenamente entendido por todos, teremos dado um grande passo. Devo confessar, querido irmão, que meu senso moral tem sido, com frequência, profundamente escandalizado pelo estilo frio e comercial com que a publicação e venda de livros e folhetos é tratada — um estilo que talvez seja adequado a um mero negócio comercial, mas que é dos mais ofensivos quando adotado naquilo que diz respeito à obra de Deus. Admito

plenamente — e até luto por isto — que o bom gerenciamento de um depósito de literatura exija uma boa parcela de habilidade para negócios, além de princípios comerciais honestos. Mas, ao mesmo tempo, estou convicto de que a obra de literatura nunca estará no seu devido lugar — nunca terá entendido o seu espírito e nunca alcançará o fim desejado — enquanto não estiver firmemente fixada em seus fundamentos santos, e enquanto não for vista como uma parte integral da mais gloriosa obra para a qual somos chamados — a evangelização ativa, fervorosa e perseverante.

E este trabalho deve ser assumido com o senso da responsabilidade para com

Cristo, e na energia da fé no Deus vivo. Não haverá nenhum proveito se uma assembleia, ou alguém abastado, escolher algum *apadrinhado*, entregando-lhe a direção do empreendimento a fim de prover-lhe um meio de ganhar o seu sustento. É algo bendito que todos tenham comunhão na obra; mas estou completamente convencido que o trabalho deve ser assumido como um serviço direto a Cristo, e levado adiante em amor pelas almas e com um verdadeiro interesse na propagação da verdade. Espero voltar a escrever para tratar dos outros dois ramos de meu tema.

SEXTA CARTA — A Pregação do Evangelho

EM ALGUMAS de minhas cartas tratei da indizível importância de mantermos, com zelo e constância, uma fiel pregação do evangelho — uma obra distinta de evangelização efetuada na energia do amor às preciosas almas e com referência direta à glória de Cristo — uma obra totalmente dirigida ao inconverso e, portanto, bem distinta da obra de ensino, explanação da Palavra ou exortação, que é feita no seio da assembleia; a qual, nem preciso dizer, também é de igual importância aos olhos de nosso Senhor Jesus Cristo.

Meu objetivo ao voltar a tratar deste assunto é de chamar a sua atenção para um ponto que está ligado a isto e a respeito do qual, parece-me, há uma

grande necessidade de esclarecimento entre alguns de nossos amigos.

Questiono se estamos, como regra, plenamente esclarecidos quanto à questão da responsabilidade individual na obra do evangelho. Evidentemente, eu admito que o que ensina ou explica a Palavra seja chamado a exercitar seu dom, na sua maior parte, sobre o mesmo princípio do evangelista; isto é, sobre sua própria responsabilidade pessoal para com Cristo; e que a assembleia não é responsável por seus serviços individuais; a menos que ele ensine má doutrina, quando então a assembleia é obrigada a agir.

Mas meu assunto é a obra do evangelista, e este deve fazer o seu

trabalho fora da assembleia. Sua esfera de ação é tão ampla quanto o mundo.

“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura.” (Mc

16:15) Aqui está sua esfera de ação e aqui está o objetivo do evangelista —

“*Todo o mundo*” — **“*Toda criatura*”**.

Ele pode sair do seio da assembleia, e para ali voltar carregado com os feixes dourados de sua colheita; no entanto ele sai na energia de sua fé pessoal no Deus vivo, e sobre a base de sua

responsabilidade pessoal para com Cristo; a assembleia não é nem mesmo responsável pela *maneira* peculiar com que ele possa levar adiante o seu trabalho. Sem dúvida a assembleia é chamada a agir quando o evangelista

apresenta *o fruto* do seu trabalho na forma de almas professando estarem convertidas, e desejosas de serem recebidas à comunhão à mesa do Senhor. Mas isso é outra coisa, e deve ser mantido como algo distinto do trabalho do evangelista.

O evangelista deve ser deixado livre para agir; e isto é algo que defendo. Ele não deve estar amarrado a certas regras ou regulamentos, e nem restringido por quaisquer convenções especiais. Há muitas coisas que um evangelista com um coração liberal se sentirá perfeitamente à vontade para fazer, que talvez não estejam de acordo com o julgamento espiritual e as simpatias de alguns na assembleia; mas, desde que

ele não transgrida nenhum princípio vital ou fundamental, tais pessoas não têm o direito de interferir no seu trabalho.

E deve ser lembrado, querido irmão, que quando uso a expressão “*julgamento espiritual e simpatias*”, estou olhando do ponto de vista mais elevado possível, e tratando aquele que julga com o mais alto respeito. Creio ser certo e conveniente que isto exista. Todo verdadeiro homem tem o direito de ter sua opinião e fazer o seu julgamento — isto sem falar na consciência — tratados com o devido respeito. Mas há, infelizmente, em toda parte, homens de mentes estreitas, que se opõem a tudo o que não se encaixa em suas próprias

noções — homens que estariam prontos a restringir de bom grado a ação do evangelista à sua própria linha de pensamento e conduta que, segundo pensam, estariam adequadas ao povo da assembleia de Deus* quando reunidos para adoração à mesa do Senhor.

*[*Nota do Tradutor: O autor usa a expressão “assembleia de Deus” em seu sentido bíblico, ou seja, incluindo TODOS os salvos por Cristo. O autor viveu no século dezenove, antes, portanto, que existisse qualquer denominação ou grupo religioso que arvorasse para si a identificação de “assembleia de Deus”. C. H. Mackintosh não estava ligado a nenhuma denominação, mas reunia-se somente ao nome do Senhor Jesus.]*

Isso tudo é um completo engano. O

evangelista deve ter livre curso em seu caminho, sem se importar com toda a estreiteza de coração e intromissão que possa encontrar. Tome, por exemplo, a questão de se cantar hinos. O evangelista pode sentir-se perfeitamente à vontade para usar hinos ou corinhos evangelísticos que seriam completamente inadequados a uma reunião da assembleia. O fato é que ele *canta* o evangelho com o mesmo objetivo que ele *prega* o evangelho, ou seja, a fim de alcançar o coração do pecador. Ele está tão pronto a cantar “Vinde”, como a pregar a mesma coisa.

Assim, querido irmão, esta é a ideia que por muitos anos tenho tido sobre este assunto, muito embora não possa dizer

com certeza que seja algo que esteja plenamente de acordo com seu discernimento espiritual. Preocupa-me o fato de estarmos correndo o perigo de cair na falsa noção que a cristandade tem de se “iniciar um trabalho” e “organizar uma igreja”. É por esta razão que muitos entre nós consideram as quatro paredes entre as quais nos reunimos como uma “capela”, e o evangelista que porventura pregue ali seja visto como o “ministro da capela”.

Devemos nos guardar cuidadosamente de algo assim, mas minha intenção, ao mencionar tal coisa agora, é esclarecer isto quanto à pregação do evangelho. O verdadeiro evangelista não é o ministro de qualquer capela; nem o porta-voz de

alguma congregação; ou o representante de um grupo; ou o funcionário pago de qualquer organização. Não; ele é o embaixador de Cristo — o mensageiro de um Deus de amor — o arauto das boas novas. Seu coração está cheio de amor pelas almas; seus lábios unguídos pelo Espírito Santo; suas palavras vestidas com poder celestial. Deixe-o em paz! Não o acorrente com suas regras e regulamentos! Deixe-o dedicar-se a seu trabalho e a seu Patrão! E mais, tenha em mente que a Igreja de Deus pode prover uma tribuna suficientemente ampla para todos os tipos de obreiros e todo o estilo possível de trabalho, *desde que* a verdade fundamental não seja tocada. Trata-se de um erro fatal

procurar colocar alguém, ou o que quer que seja, em *ponto morto*. O cristianismo é uma divina realidade viva. Os servos de Cristo são enviados por Ele, e são responsáveis perante Ele. *“Quem és tu que julgas o servo alheio? Para seu próprio Senhor ele está em pé ou cai.”* (Rm 14:4, 5).

Precisamos ter isto em mente, querido irmão, pois são coisas que exigem nossa séria consideração, se é que não desejamos ver a bendita obra de evangelização estragada em nossas mãos.

Tenho apenas mais um ponto ao qual gostaria de me referir antes de terminar minha carta, já que é algo que tem sido

uma questão bem discutida em alguns lugares — refiro-me àquilo que tem sido chamado de “*responsabilidade da pregação*”. Quantos de nossos amigos têm sido atacados acerca desta questão! E por que razão? Estou convencido de que é por não se entender a verdadeira natureza, o verdadeiro caráter e esfera da obra de evangelização. É por isso que temos tido alguns que insistem que a pregação do evangelho no domingo à noite deve ser deixada como uma reunião aberta. Mas aberta a quê? Esta é a questão. Em muitos casos ela demonstrou estar “*aberta*” a um tipo de palestra completamente inadequada a muitos que foram até ali, ou que foram trazidos por amigos, na expectativa de

escutarem um evangelho claro, completo e fervoroso. Em ocasiões assim nossos amigos acabam ficando desapontados, e os inconversos totalmente incapazes de compreender o significado daquela reunião. Certamente tais coisas não deveriam ser assim; e não seriam mesmo se os homens tão somente discernissem algo tão simples como é a diferença entre todas as reuniões em que os servos de Cristo exercitam seu ministério sob sua responsabilidade pessoal, e todas as reuniões que são puramente reuniões da assembleia, seja para a Ceia do Senhor, oração, ou qualquer outro propósito.

SÉTIMA CARTA — A Escola Dominical

POR FALTA de espaço, fui obrigado a encerrar minha última carta sem nem mesmo tocar no assunto da escola dominical. Devo, porém, dedicar uma ou duas páginas a este ramo do trabalho que tem ocupado um amplo espaço em meu coração durante trinta anos. Eu consideraria esta série de cartas incompleta se este assunto tivesse ficado de fora.

Alguns poderão questionar até onde a escola dominical pode ser vista como uma parte integral da obra de evangelização. Posso tão somente dizer que é assim que, principalmente, a considero. Eu a vejo como um dos maiores e mais interessantes ramos da obra do evangelho. Os professores da

escola dominical, para as crianças pequenas e para os jovens, são obreiros na vasta seara do evangelho, tanto quanto o evangelista ou o pregador do evangelho.

Estou plenamente cômscio de que a escola dominical difere materialmente de uma pregação normal do evangelho. Ela não é convocada e nem conduzida da mesma maneira. Há, se posso me expressar assim, uma união do pai, do professor e do evangelista na pessoa do obreiro da escola dominical. Naquele momento ele toma o lugar do pai, procura cumprir sua obrigação de professor, mas não perde de vista o alvo do evangelista — o inestimável alvo que é a salvação daquelas almas dos

preciosos pequeninos que foram colocados aos seus cuidados. Quanto ao modo como ele atinge o seu fim — quanto aos detalhes do seu trabalho — e quanto aos variados meios de que ele pode lançar mão, é tudo de sua total e única responsabilidade.

Estou consciente de que há objeções à escola dominical como tendo a tendência de interferir na educação que os pais dão em casa. Mas devo confessar, querido irmão, que não encontro nenhum respaldo para tais objeções. A verdadeira finalidade da escola dominical não é pôr de lado a educação dos pais, mas complementá-la, onde existe, ou suprir sua falta onde não existe. Existem, como você e eu bem

sabemos, centenas de milhares de crianças que não recebem nenhuma educação dos pais. Milhares não têm pais, e outros milhares têm pais que são piores do que nada. Veja as multidões que se aglomeram nas ruas, becos e praças de nossas grandes cidades e metrópoles, que mal parecem estar em um nível de existência acima do animal — sim, muitos deles mais parecem pequenos demônios encarnados.

Quem poderia se preocupar com todas essas almas preciosas, sem sentir-se motivado a incentivar de coração a todos os *verdadeiros* obreiros de escola dominical, e a desejar ardentemente que existissem maior fervor e energia em um trabalho assim tão abençoado? Quando

digo *verdadeiros* obreiros de escola dominical, é porque temo que muitos se engajem na obra sem que sejam verdadeiros, autênticos, ou que estejam preparados para ela. Muitos, temo eu, a fazem como um trabalho que possui alguma atração religiosa e que fica bem aos membros mais jovens das comunidades religiosas. Muitos também a veem como um tipo de compensação para uma semana gasta com tolices, mundanismo e satisfação própria. Pessoas assim são mais um empecilho do que um auxílio a este sagrado serviço.

Há também muitos que amam a Cristo de coração e desejam servi-Lo na escola dominical, mas que não estão

verdadeiramente preparados para a obra. São pessoas de pouco tato, energia, ordem e disciplina. A elas falta aquele poder de se adaptarem às crianças e de cativarem seus jovens corações, o que é tão essencial ao obreiro da escola dominical. É um grande erro supor que qualquer desocupado da praça esteja capacitado a cuidar deste ramo do trabalho cristão. Muito pelo contrário, é necessário que seja uma pessoa totalmente preparada por Deus para esta obra.

Se alguém perguntar: *“Como poderemos conseguir pessoas assim capacitadas para este ramo do serviço evangelístico?”*, a resposta é: da mesma maneira que se conseguem pessoas para

todas as outras tarefas — por meio de uma oração fervorosa, perseverante e confiante. Estou plenamente persuadido de que se os cristãos estivessem mais motivados pelo Espírito de Deus para sentirem a importância da escola dominical — se apenas pudessem ter uma ideia de que ela é, assim como a obra de literatura e a pregação, uma parte integrante da mais gloriosa obra à qual somos chamados nestes derradeiros dias da história da cristandade — se fossem mais permeáveis à ideia da natureza evangelística e do objetivo da obra da escola dominical, seriam mais fervorosos e perseverantes em oração, tanto em sua comunhão a sós com o Senhor, como na assembleia, para que

Ele pudesse levantar em nosso meio muitos fervorosos, devotos e dedicados obreiros para a escola dominical.

Era isto o que faltava, querido irmão, e que Deus possa provê-lo, em Sua abundante misericórdia! Ele é capaz e certamente está desejoso para fazê-lo. Mas quer que dependamos dele e que Lhe peçamos; e *“é galardoador dos que O buscam”*. (Hb 11:6) Creio que temos motivos de gratidão e louvor pelo que tem sido feito pelas escolas dominicais durante os últimos poucos anos.

Lembro-me bem da época quando muitos de nossos amigos pareciam se esquecer completamente deste ramo do trabalho. Ainda hoje há muitos que o tratam com indiferença, desanimando e

desencorajando os corações daqueles que estão engajados nesta obra.

Mas não vou tratar disso aqui, pois meu assunto é a escola dominical, e não aqueles que a negligenciam ou que se opõem a ela. Agradeço a Deus pelo que tenho visto em forma de encorajamento. Com frequência tenho sido excessivamente animado e alegrado ao ver alguns de nossos amigos mais velhos levantando-se da mesa de seu Senhor e cuidando de arrumar os bancos nos quais os queridos pequeninos logo em seguida são alcançados com a doce história do amor do Salvador. E o que é que poderia ser mais belo, mais comovedor, ou mais moralmente adequado do que aqueles que, tão logo

acabam de recordar o amor do Salvador em Sua morte, procuram cuidar de arrumar os bancos a fim de cumprir Suas palavras vivas: “*Deixai vir os meninos a Mim*”? (Mc 10:14)

Há muitas outras coisas que gostaria de acrescentar sobre o modo de trabalho da escola dominical; mas talvez seja melhor que cada obreiro esteja totalmente dependente do Deus vivo, para aconselhamento e auxílio quanto aos detalhes da obra. Devemos sempre nos lembrar de que a escola dominical, como a obra de literatura e a pregação, é, em sua totalidade, uma obra de responsabilidade individual. Este é um ponto de grande importância; e onde isto for totalmente compreendido e onde

existir um real fervor de coração e um olho simples, creio que não existirá grande dificuldade acerca da maneira de cada um trabalhar. Um coração amplo e um propósito fixo em levar adiante a grande obra e cumprir a gloriosa missão que nos foi confiada irão, certamente, nos livrar da debilitante influência das caras feias e dos preconceitos — essas obstruções tão miseráveis a tudo o que é amável e de boa fama.

Que Deus possa derramar Sua bênção sobre toda a obra da escola dominical, sobre os alunos, professores e superintendentes. Que Ele possa também abençoar todos aqueles que estejam engajados, de um modo ou de outro, na instrução do jovem. Que Ele possa

animar e dar refrigério aos seus espíritos, provendo para que colham muitos feixes dourados de frutos na área que lhes cabe: a grande e gloriosa seara do evangelho!